

MESTRADO
PSICOLOGIA

Entre a vitimização de pares e as perturbações internalizadas – fatores de risco e proteção: scoping review

Bruna Daniela Marques Pereira

M

2024



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**ENTRE A VITIMIZAÇÃO DE PARES E AS PERTURBAÇÕES INTERNALIZADAS-
FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO: SCOPING REVIEW**

Bruna Daniela Marques Pereira

Junho 2024

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do
Porto, orientada pela Professora **Diana Rute Pereira Alves** (FPCEUP).

Avisos legais

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

À Professora Doutora Diana Alves e à Doutora Ana Lemos, obrigada por todo o apoio e disponibilidade durante este processo.

Aos meus amigos que me acompanharam durante este percurso, não me imagino a partilhar isto com mais ninguém. Obrigada por me ouvirem, e por de alguma forma, se identificarem sempre com aquilo que estava a sentir.

Aos meus pais, por me apoiaram em tudo de forma incondicional e por me permitirem ser a pessoa que sou hoje, um obrigada do tamanho do mundo.

Acrónimos

VP- Vitimização de pares
PI- Perturbações internalizadas
MPVS- Multidimensional Peer Victimization Scale
SQD- Strengths and Difficulties Questionnaire
RPAQ- Reactive-Proactive Aggression Questionnaire
CBCL- The Child Behavior Checklist
SEQ- Social Experiences Questionnaire
CDI- The Children's Depression Inventory
MASC- The Multidimensional Anxiety Scale for Children
MFQ- Short Mood and Feelings Questionnaire
BCFPI- Brief Child and Family Phone Interview
CAS-8- Children's Anxiety Scale
YSR- Youth Self Report
CHKS- California Healthy Kids Survey
SIQ-JR- Suicidal Ideation Questionnaire
OBVQ- Olweus Bully/Victim Questionnaire (OBVQ)
SCL- Symptom Check List
DASS- Depression, Anxiety, Stress Scale short-form
GSHS- Global School-Based Student Health Survey
BDI- Beck Depression Inventory
DIAS- Direct and Indirect Aggression Scale
CSEQ- Children's Self-Experience Questionnaire-Self Report
CES- Center for Epidemiologic Studies Depression Scale
SAS-A- Social Anxiety Scale for Adolescents
RPEQ- Revised Peer Experiences Questionnaire
IPVS- Illinois Peer Victimization Scale
DTS- Depressive Tendencies Scale
BASC- Behavior Assessment System for Children
QIDS-A- Quick Inventory of Depressive Symptomatology, Adolescent version
GAD-7- Generalized Anxiety Disorder Screener
RCMAS- Revised Children's Manifest Anxiety Scale
TSCC- Trauma Symptoms Checklist for Children
YRBS- Youth Risk Behavior Survey
SRASBM- Self-report of Aggression and Social Behavior Measure
RADS- Reynolds Adolescent Depression Scale
SCARED- Child Anxiety- Related Emotional Disorders
ASQ- Ask Suicide-Screening Questionnaire
RCADS- Revised Child Anxiety and Depression Scale

Resumo

A vitimização de pares, definida como o desenrolar de comportamentos intencionalmente prejudiciais dirigidos a um indivíduo com menos poder, tem o seu impacto bem documentado na literatura, principalmente a nível de perturbações internalizadas. Face aos estudos que encaram esta associação como um fenómeno bidirecional, que se traduz num ciclo contínuo de impacto prejudicial, surge a necessidade de mapear os fatores que influenciam esta relação como um todo.

O objetivo da presente scoping review passa por sistematizar as investigações realizadas acerca dos fatores de risco e fatores protetores, que impactam a relação recíproca entre vitimização de pares e perturbações internalizadas, na população adolescente.

Foi realizada uma pesquisa em três bases de dados, tendo sido selecionados 48 estudos que responderam à questão de investigação. Os resultados permitiram-nos reconhecer variáveis protetoras para esta relação, nomeadamente o apoio social de pares, progenitores, e professores. Igualmente, destacaram-se variáveis de carácter psicológico, como diferentes estilos de coping, competências sociais, autoestima e altos níveis de esperança. Os fatores de risco analisados foram a desregulação emocional, autovalorização contingente, desesperança e isolamento social. Por último, foram estudadas duas variáveis de carácter biológico, nomeadamente a atividade eletrodérmica, e a qualidade do sono. Perante estes resultados, é possível obter um melhor entendimento daquelas que são as necessidades de adolescentes vitimizados, e traçar planos de prevenção e intervenção que possam deter esta problemática.

Abstract

Peer victimization, defined as the occurrence of intentionally harmful behaviors directed at an individual with less power, has its impact well documented in the literature, particularly regarding internalizing disorders. Considering studies that see this association as a bidirectional phenomenon, resulting in a continuous cycle of detrimental impact on adolescents, it seems valuable to map the factors influencing this relationship as a whole.

The goal of this scoping review is to systematize research on the risk and protective factors that impact the reciprocal relationship between peer victimization and internalizing disorders, in the adolescent population. Research was conducted across three databases, resulting in the selection of 48 studies that addressed the research question.

The results allowed us to identify protective variables for this relationship, namely social support from peers, parents, and teachers. Additionally, psychological variables such as different coping styles, social skills, self-esteem, and high levels of hope were highlighted. The risk factors analyzed included emotional dysregulation, contingent self-worth, hopelessness, and social isolation. Finally, two biological variables were analyzed: electrodermal activity and sleep quality. In light of these results, it is possible to gain a better understanding of the needs of victimized adolescents, and to develop prevention and intervention plans to address this issue.

Índice

Introdução.....	1
1.1 Vitimização de pares.....	2
1.2 Fatores de risco e proteção.....	3
1.3 Vitimização de pares e perturbações internalizadas.....	4
Método.....	5
2.1 Objetivos e questão de investigação.....	5
2.2 Critérios de inclusão e exclusão.....	5
2.3 Estratégia de pesquisa.....	6
Resultados.....	6
3.1 Seleção de estudos.....	6
3.2 Características gerais e metodológicas dos estudos.....	8
3.2 Síntese de resultados.....	8
Discussão	30
Limitações	32
Conclusão	32
Referencias bibliográficas	34
Anexo. Protocolo da scoping review	44

1. Introdução

A vitimização de pares (VP) apresenta-se como um problema significativo para a saúde pública, afetando em média, 1 em cada 5 jovens (Juvonen & Graham, 2014). A literatura sobre a temática evidencia o impacto psicológico e social da VP em adolescentes, nomeadamente a nível de perturbações internalizadas (PI) (Reijntes et al., 2010).

Na vivência de VP, os adolescentes acabam por experienciar respostas emocionais negativas, como tristeza, baixa autoestima e desesperança, podendo acentuar-se uma perceção distorcida do self e um humor negativo. O medo constante e antecipação do futuro momento de vitimização, levam ao receio de situações sociais e sentimentos de insegurança, que por sua vez, conduzem ao isolamento e evitamento (Romera et al., 2016). Por conseguinte, adolescentes que sofrem de VP acabam por reportar uma menor satisfação de vida, e níveis mais altos de depressão, ansiedade, e ideação suicida (Låftman & Modin, 2017; Peng et al., 2020).

A relação entre VP e PI demonstra não ser unidirecional, pelo que a VP não só prediz a presença de PI, como é também predita por estas. Uma meta-análise de estudos longitudinais conduzida por Reijntjes et al. (2010), chegou a esta conclusão ao analisar 15 estudos que forneceram dados de 12361 participantes. Os resultados mostraram que a VP em crianças é um preditor de PI, e a relação inversa também se verificou. Uma segunda meta análise de 89 estudos que avaliou relação longitudinal entre as duas variáveis em crianças e adolescentes, reportou que altos níveis de VP previram, no espaço de dois anos, a presença de PI, com um efeito moderador explicado pelo tipo de vitimização. Da mesma forma, as PI previram a futura ocorrência de VP, sendo a relação moderada pelo tipo de vitimização, e tipo de perturbação (Liao et al., 2022).

A literatura que explora a influência de fatores de risco e proteção na VP é extensa e abrangente. Não obstante, e diante dos resultados que indicam não estarmos perante uma relação unidirecional, poderá ser relevante considerar variáveis que revelem impacto na relação VP-PI, de modo a implementar programas de intervenção eficazes. Face à literatura que encara a relação entre VP e PI como um fenómeno bidirecional que se traduz num ciclo contínuo de impacto prejudicial, surge a necessidade de mapear os fatores que influenciam esta relação como um todo. Assim, a presente scoping review procura reunir estudos que examinam uma terceira variável, que não influencie apenas a VP ou as PI, mas que possa funcionar como um fator protetor ou de risco, que modere ou medeie esta relação.

1.1 Vitimização de pares

A vitimização de pares (VP) pode ser definida como um conjunto de ‘comportamentos repetitivos e intencionalmente prejudiciais dirigidos a um indivíduo com menos poder’, podendo englobar formas tradicionais, ou, e mais recente, a vitimização online (Gladden et al. 2014). A literatura documenta três tipos distintos de vitimização: física, verbal ou relacional. A vitimização física e a vitimização verbal caracterizam-se como formas de vitimização direta, nas quais o agressor usa a força corporal ou a comunicação verbal de modo a ferir outrem (Veenstra et al., 2005). A vitimização relacional define-se como um tipo de agressão indireta, e é uma forma de vitimização que prejudica o outro através da manipulação dos seus pares, exclusão ativa, e da difusão de boatos, com o objetivo de lesar a autoestima e/ou o estatuto social da vítima (Vitaro et al., 2006).

A VP é um fenómeno que pode ser observado em diferentes fases da vida do ser humano, e em diferentes contextos, como escolar, de trabalho ou comunidade. No entanto, a adolescência é um período caracterizado por mudanças fisiológicas, cognitivas, emocionais e contextuais que parecem impactar a frequência, natureza, e estrutura social subjacentes a este fenómeno (Troop-Gorden, 2017). Os estudos realizados neste âmbito indicam o decréscimo da VP durante o ensino secundário (Sumter et al., 2012), e alguns dos fatores que podem justificá-lo passam por um sentido de identidade mais definido, competências cognitivas mais avançadas, uma maior igualdade a nível da estrutura de pares, e a crescente capacidade dos jovens para aprender a evitar os seus agressores (Hawley, 2003).

Quanto aos contextos em que a VP na adolescência pode ocorrer, a escola é o local apontado como mais frequente, incluindo todos os momentos relacionados ao período escolar, nomeadamente atividades complementares, e o tempo passado em transportes públicos (Turner et al., 2011). A falta de supervisão adulta parece ser um fator significativo, e enquanto crianças que ainda estão no ensino primário reportam VP maioritariamente em contexto de sala de aula ou no recreio, os adolescentes apontam áreas adicionais, e que por vezes carecem de vigilância, como corredores e cantinas (Vaillancourt et al., 2010).

É relevante considerar o contexto virtual, e Foehr et al. (2010) apontam que adolescentes passam por volta de 90 minutos diários a socializar na internet. Segundo uma meta-análise de Kowalski et al., (2014) a prevalência de *cyberbullying* ronda em geral dos 10% a 40%, e embora seja um outro contexto, é relevante ter em conta a sua relação com a vitimização que ocorre em ambiente escolar, já que a maioria dos jovens que sofreram de vitimização online, reportam conhecer o seu agressor através do espaço escolar (Juvonen & Gross, 2008).

1.2 Fatores de risco e proteção

A vitimização de pares (VP) é considerada um problema para a saúde pública, e de modo a conseguir contornar e intervir neste fenómeno, a literatura conta com uma vasta pesquisa acerca de potenciais fatores de risco e proteção, que influenciam o surgimento da VP na adolescência (Karlsson et al., 2013; Lin, 2023; Ostrov et al., 2022).

Ainda que a VP afete grupos de diferentes faixas etárias, algo que passa por ser exclusivo à adolescência são as mudanças biológicas resultantes da puberdade, que também aparecem como um fator de risco para a VP. Uma puberdade precoce pode levar a uma maior vitimização, já que as mudanças fisiológicas são visíveis e distinguem o adolescente dos restantes pares (Ge et al., 1996). No entanto, a literatura mostra que esta relação não acontece em todas as amostras (Nadeem & Graham, 2005; Vaillancourt et al., 2010), pelo que seria necessário aprofundar a pesquisa de modo a perceber quais são os contextos e características individuais que podem explicar uma relação entre puberdade precoce e VP na adolescência. Na mesma linha de pensamento, temos a importância que a imagem corporal, mais especificamente o aumento de peso acarreta para a VP. Ainda que vitimização relacionada com o peso comece na infância, passa a ser preocupante o quão acentuada parece ser no início adolescência (Lampard et al., 2014). Orientação sexual e papéis de género também demonstram ser um fator de risco para a vitimização, e sabemos que a adolescência é o período no qual se intensificam. Um estudo de Robinson et al. (2013) aponta que, numa amostra de 4135 adolescentes, 52% dos adolescentes do sexo masculino e 57% do sexo feminino que se identificaram como homossexuais ou bissexuais, reportaram já ter sido vítimas de bullying. Isto não é exclusivo a minorias sexuais, mas também a adolescentes heterossexuais que, por não se conformarem aos padrões de género, são rotulados de homossexuais por pares (Toomey et al., 2013).

Perturbações internalizadas aparecem como um fator de risco para o eventual surgimento da VP, na medida em que a presença de condições como ansiedade e depressão pode comunicar vulnerabilidade frente aos pares, num momento da vida em que muitos adolescentes tendem a querer destacar-se e estabelecer dominância, optando pela agressividade para fazê-lo (Cook et al., 2010).

Quanto aos fatores de proteção, a posição social parece ter um papel dominante, e são estabelecidas duas formas de status relativamente aos grupos de pares: aceitação de pares e popularidade. A primeira diz respeito a ser-se gostado por membros do grupo de pares, e está negativamente associada a agressão durante a infância e adolescência (Dijkstra, et al., 2008). Já a popularidade, indica uma posição de liderança, influência e respeito, normalmente

associada a traços desejáveis como atletismo, atratividade e riqueza. No início da adolescência, a agressão, por quem a pratica, promove a popularidade, e por isso, adolescentes que sofrem de vitimização podem acabar por ser alvos de agressão por colegas que admiram, respeitam e com quem gostariam de se afiliar (Rose et al., 2004). Quando o traço da popularidade está presente no agressor, parece haver uma menor probabilidade de que alunos vitimizados tenham o apoio e ajuda de outros pares. Efetivamente, quando comparados com crianças, os adolescentes tendem a reportar visões mais positivas de indivíduos que são considerados agressores (Pellegrini & Long, 2002), e parecem considerar o ato de agressão mais aceitável quando este é perpetuado por um colega com um status social bem estabelecido (Dijkstra et al., 2008).

Resiliência e boas capacidades sociais são traços individuais que se revelam como bons fatores de proteção para a VP (Fredrick et al., 2021). A resiliência tem sido definida como um fator que ajuda o indivíduo a manter o bem-estar, independentemente de se deparar com fatores geradores de stress. Adolescentes com um maior nível de resiliência têm menos probabilidades de sofrer de bullying (Hinduja e Patchin, 2017), e alunos que sofrem de VP, quando mostram níveis elevados de resiliência, beneficiam de um melhor bem-estar comparativamente a alunos que sofrem de VP e mostram níveis baixos de resiliência (Villora et al. 2020). A literatura sugere que este construto pode ser ensinado ou reforçado através do contexto, alertando para a importância de trabalhar o mesmo (Pinto et al., 2021).

1.3 Vitimização de pares e perturbações internalizadas

A relação recíproca entre a VP e as PI, nomeadamente ideação suicida, ansiedade, e principalmente, transtornos depressivos, é um fenómeno bem documentado e consistente em diferentes culturas (Hawker & Boulton, 2000). O tipo de vitimização aparenta ser um dos fatores que influencia esta associação, pelo que vitimização relacional é reportada como um melhor preditor de sintomatologia depressiva, do que vitimização física (Baldry et al., 2004). Também o papel do género tem sido consecutivamente examinado ao longo dos anos, com o objetivo de perceber se funciona como um moderador desta relação. Não obstante, as conclusões não parecem ser consensuais. Enquanto alguns estudos apontam para um maior efeito do género feminino, motivado pelos mecanismos de atribuição causal utilizados por mulheres, e subsequentes repercussões a nível psicológico, outros reportam a associação da VP e PI como sendo independente do género (Stapinski et al., 2014).

De modo a obter uma compreensão mais exata acerca do que está na base desta associação, e de que forma fatores internos e externos podem afetar a mesma, alguns autores consideraram o modelo biopsicossocial como base, permitindo a exploração do fenómeno de forma mais

holística (Tu et al., 2015). O modelo biopsicossocial trata-se de uma perspectiva teórica que apresenta três fatores que se influenciam mutuamente, e que por sua vez influenciam a vivência e a saúde das pessoas: biológicos, psicológicos e sociais (Engel, 1977). À luz desta perspectiva, a vitimização de pares, correspondente à esfera social, impacta negativamente a saúde psicológica do indivíduo, conduzindo a PI. Por outro lado as PI, inerentes à esfera psicológica interferem com as capacidades sociais do adolescente, aumentando a sua vulnerabilidade face à possibilidade de virem a ser vitimizados. Esta dinâmica é ainda afetada por variáveis biológicas, nomeadamente, disposições genéticas (Liao et al., 2022). Por conseguinte, tem sido claro o esforço de vários autores para perceber que variáveis podem impactar esta relação, de forma negativa e positiva. Assim, a presente scoping review tem como objetivo reunir e resumir fatores de risco e proteção que impactem a associação entre a VP e as PI, e que permitam traçar estratégias de intervenção eficazes.

2. Método

A presente scoping review foi conduzida tendo por base os princípios do Joanna Briggs Institute (JBI) para scoping reviews, e estruturada segundo a extensão PRISMA-ScR (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis- Extension for Scoping Reviews) (Tricco et al., 2018). Inicialmente, foi elaborado um protocolo de investigação, que foi registado em acesso livre na plataforma OpenScience Framework (Pereira et al., 2024, ver Anexo).

2.1 Objetivos e questão de investigação

O objetivo desta scoping review passa por sistematizar as investigações realizadas acerca dos fatores de risco e fatores protetores que impactam a relação recíproca entre vitimização de pares e perturbações internalizadas, na população adolescente. Desta forma, foi formulada a seguinte questão de investigação: Quais são os fatores de risco e proteção que podem funcionar como mediadores ou moderadores da relação entre vitimização de pares e perturbações internalizadas, nos adolescentes?

2.2 Critérios de inclusão e exclusão

Os critérios de inclusão e exclusão foram determinados a partir da questão de investigação. Foram considerados estudos cuja idade dos participantes se encontra compreendida entre os 10 e 19 anos de idade, intervalo correspondente à adolescência, segundo a definição proposta pela

World Health Organization (WHO, 2019). Foi conferida uma exceção para dois estudos longitudinais, nos quais no último momento de avaliação, os participantes mais velhos chegaram aos 21 anos de idade. Para ser incluído, o estudo deveria a) medir ou identificar a presença de vitimização de pares; b) medir ou identificar a presença de perturbações internalizadas; c) estabelecer pelo menos uma variável que funcione como um fator de risco ou fator protetor para a relação recíproca entre vitimização de pares e perturbações internalizadas. Foram excluídos estudos que consideravam outros tipos de vitimização na adolescência, nomeadamente vitimização no namoro, e estudos que não tinham como contexto principal face à vitimização de pares, o contexto escolar.

Foram selecionados estudos quantitativos, qualitativos e mistos, incluindo literatura cinzenta, publicados nas línguas portuguesa, inglesa e espanhola. A literatura considerada foi publicada entre o ano de 2000 e 2023.

2.3 Estratégia de pesquisa

O processo de pesquisa foi conduzido em janeiro de 2024, com auxílio do motor de busca EBSCO, nas seguintes bases de dados: APA PsychInfo, Education Source e ERIC. As bibliografias das fontes extraídas foram também consideradas. Os termos de pesquisa utilizados englobam as variáveis de interesse e a população em causa, e foram os seguintes: adolescents AND peer victimization AND protective factors; adolescents AND peer victimization AND risk factors; adolescents AND internalizing disorders AND protective factors; adolescents AND internalizing disorders AND risk factors.

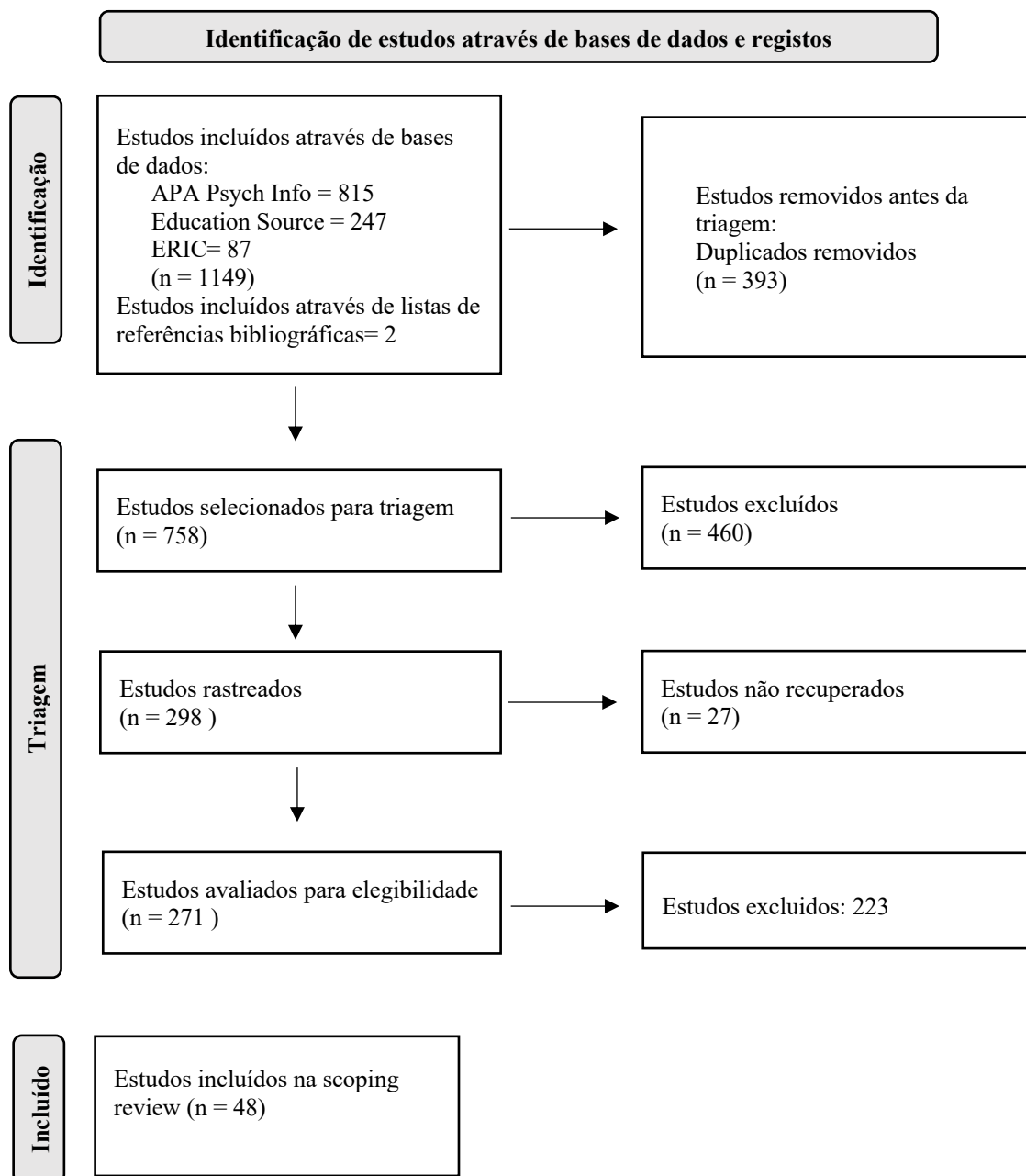
Após a extração das fontes, foi realizado o seu armazenamento na plataforma EndNote, na qual foram removidos os duplicados. De modo a facilitar a sua revisão, os estudos restantes foram transferidos para a plataforma Rayyan, onde a primeira ronda de triagem foi executada por três revisores independentes, a partir do título e do resumo. Numa última fase, foi feita a leitura integral dos restantes estudos pela autora principal deste trabalho, para confirmar se todos os critérios eram cumpridos e para extrair os resultados relevantes para esta scoping review.

3. Resultados

3.1 Seleção de estudos

A primeira pesquisa conduziu a um total de 1149 referências, tendo sido identificados e removidos 393 duplicados. Na fase de triagem de títulos e resumos foram analisados 758 referências por três investigadores independentes, e 460 estudos foram excluídos, por não cumprirem os critérios de elegibilidade. Dos 298 estudos selecionados para leitura integral, 26 não foram recuperados por não estarem disponíveis, e 220 foram excluídos pelos seguintes motivos: foco exclusivo numa das variáveis (VP ou PI); ausência de uma terceira variável que funcionasse como um fator de risco ou protetor; a população não cumpria os critérios referentes à idade. Posteriormente, foram adicionados dois estudos recuperados através de listas de referências bibliográficas pertencentes a estudos avaliados para elegibilidade (Figura 1).

Figura 1. Diagrama de fluxo PRISMA



3.2 Características gerais e metodológicas dos estudos

Um sumário dos 51 artigos incluídos está disponível na Tabela 1, com os dados referentes ao título, autor, ano, país, objetivo, variável de risco e/ou proteção, número de participantes, método de análise, instrumento de avaliação da VP e PI, e resultados. Todos os artigos incluídos foram publicados entre o ano de 2005 e 2023, tendo a maioria sido publicada na última década. Grande parte dos estudos foram conduzidos nos Estados Unidos da América (EUA) (n=27), seguindo-se o Canadá (n=8), Reino Unido (n=4), Austrália (n=4) e Países Baixos (n=2). Itália, Suíça, China, Alemanha, Coreia do Sul e Espanha contam com um estudo cada. Por último, foi incluído um estudo que tem como amostra participantes de 10 países pertencentes à União Europeia. O tamanho da amostra variou significativamente, de 81 a 69224 participantes, cujas idades se situaram entre os 10 e os 21 anos. Na maioria dos estudos, os participantes foram recrutados através do contexto escolar. A operacionalização das duas variáveis principais foi heterogénea, verificando-se alguma diversidade quanto aos instrumentos de avaliação utilizados. Não obstante, destacaram-se o Social Experiences Questionnaire para determinar a VP e o Children's Depression Inventory, assim como o Achenbach System of Empirically Based Assessment, para medir as PI. Ainda que a maioria dos estudos utilize medidas de autorrelato, outros procederam ao heterorrelato, aplicando os instrumentos a professores e progenitores.

3.3 Síntese de resultados

A perspetiva biopsicossocial inerente à análise dos resultados obtidos, atende à natureza dos mesmos, organizando-os em fatores biológicos, psicológicos e sociais.

Primeiramente, e com o intuito de perceber o papel de determinadas respostas fisiológicas face ao impacto de situações geradores de stress, Erath et al. (2016) examinaram os níveis de reatividade eletrodérmica de 123 adolescentes num estudo de coorte. Os resultados revelaram que a VP conduziu a níveis mais altos de sintomatologia depressiva em adolescentes com baixa reatividade eletrotérmica, comparativamente a adolescentes com alta reatividade eletrodérmica. Consequentemente, a hipótese inicial foi confirmada, e o fenómeno moderou a relação entre VP e sintomatologia depressiva, na medida em que níveis elevados de reatividade eletrodérmica funcionaram como uma atenuante para a relação das duas variáveis principais.

O papel do sono também foi analisado, revelando-se um moderador da relação VP-PI, ao interagir com diferentes níveis de vitimização, de modo a prever PI (Tu et al., 2015). Os

resultados revelaram que adolescentes que sofrem de vitimização com baixa frequência, e que beneficiam de uma boa qualidade de sono, têm uma menor probabilidade de revelar PI, comparativamente a adolescentes que dispõem de uma baixa qualidade de sono. No entanto, o mesmo não se verificou em adolescentes que padecem de elevados níveis de vitimização, pelo que a qualidade do sono não revelou ser um fator protetor para estes indivíduos.

No que diz respeito a fatores de caráter psicológico, a resiliência, considerada um recurso individual com grande valor de proteção, foi avaliada tanto como um moderador, como um mediador da associação VP-PI, tendo apenas mediado a associação supracitada parcialmente, revelando ainda um fraco efeito moderador (Anderson et al., 2022; Quinn, 2015). O mindfulness disposicional, também encarado como um fator de resiliência inerente ao indivíduo, foi igualmente avaliado como um potencial fator protetor dos efeitos de VP em PI, mas a hipótese não foi confirmada (Clear et al., 2020).

A segurança psicológica, associada a sentimentos de pertença, estabilidade, e controlo foi avaliada como um mediador da relação VP-ideação suicida. Os resultados confirmaram o seu efeito mediador, e explicaram que adolescentes que reportaram níveis mais baixos de segurança psicológica subsequentes à VP, têm maior probabilidade de experienciar ideação suicida (Peng et al., 2020). De forma semelhante, desregulação emocional, operacionalizada em aspetos subjacentes à expressão das emoções da tristeza e raiva de forma desadaptativa, também mediou a relação entre VP relacional e PI, na medida em que o aumento da desregulação emocional levou ao aumento de sintomatologia ansiosa e depressiva (McLaughlin et al., 2009).

De igual forma, foi considerado o papel da variável ‘esperança’, conceptualizada como um traço cognitivo-motivacional que impacta positivamente o indivíduo. De facto, os autores reportaram o papel protetor da variável, que mitigou, longitudinalmente, os efeitos negativos de VP em PI. Na presença de níveis altos ou moderados de esperança, e ao contrário do que aconteceu em adolescentes com níveis baixos de esperança, VP não levou a um aumento de PI. Inclusive, em adolescentes que reportaram níveis excepcionalmente altos da variável protetora, foi detetada uma diminuição de sintomatologia ansiosa ao longo do tempo (Ricker et al., 2022). Hong et al. (2021) analisaram o papel protetor da variável ‘orientação positiva para o futuro’, que compreende a perceção de eficácia e confiança para ditar o próprio futuro, mas que não se revelou um protetor significativo para a relação VP-PI.

A autoestima também se revelou um moderador da relação VP-ansiedade social, e indo de encontro à hipótese estabelecida pelos autores, a variável funcionou como um protetor, na medida em que a associação VP- ansiedade social enfraqueceu, quando analisada face a altos

níveis de autoestima (Boulton & Macaulay, 2022). Quanto ao papel da autoestima e autoconceito subjacentes apenas à aparência física, foi detetado um efeito mediador, que permitiu concluir que adolescentes vitimizados com excesso de peso tinham uma menor autoestima, que por sua vez impactava significativamente os níveis de sintomatologia depressiva (Adams & Bukowski, 2008; Adams & Cantin, 2012). Já a autovalorização contingente, definida como o nível em que a valorização do próprio é dependente de fatores externos, nomeadamente do sucesso académico e percepção de pares, foi avaliada como um fator de risco. O estudo confirmou o papel moderador da variável, e concluiu que a autovalorização aumenta os efeitos de VP em PI (Ghoul et al., 2013).

Surgem ainda as competências sociais, nomeadamente inteligência social, autoeficácia, e habilidades sociais, que confirmaram impactar a associação VP-PI. A inteligência social aparece como um fator de proteção para adolescentes vitimizados, na medida em que a associação VP-sintomatologia depressiva não foi significativa na presença de níveis altos desta variável, ao contrário do que sucedeu face a níveis baixos ou médios de inteligência social (Lepore & Kliever, 2019). Habilidades sociais revelaram-se particularmente protetoras, e adolescentes vitimizados que reportaram esta característica, manifestaram níveis depressivos significativamente inferiores a longo prazo, comparativamente a pares com poucas habilidades sociais (Vassallo et al, 2013). Gloppen et al. (2018) avaliaram o papel da competência social, bom sentido de identidade e empoderamento como possíveis fatores protetores, e concluíram que jovens que reportaram níveis altos destas variáveis tinham menos probabilidade de manifestar sintomatologia internalizante na presença de VP. Quanto à autoeficácia no contexto social, esta mediou, parcialmente, a relação VP-ansiedade, e os resultados revelaram que níveis baixos desta variável funcionam como um fator de risco (Victoira et al., 2021). O papel mediador da desesperança social na relação VP-ideação suicida foi avaliado por Bonanno e Hymel (2010), que concluíram que um dos possíveis mecanismos responsáveis pela ideação suicida, é através do impacto da VP na desesperança social. Assim, quanto mais vitimizados forem os adolescentes, maior o nível de desesperança social, e maior o risco para o desenvolvimento de pensamentos suicidas. Nesta mesma lógica, um estudo longitudinal de Morneau-Vaillancourt et al. (2023) examinou o isolamento social como um fator de risco, e concluiu que esta variável funciona como um mediador, no sentido em que VP no início da adolescência previu sintomatologia internalizante reportada anos depois, via isolamento social.

Relativamente aos estilos de resposta e estratégias de coping analisadas, surgem a ruminação, distração e capacidade de resolução de problemas, sendo que apenas a primeira interagiu com a VP de modo a prever sintomatologia depressiva, mas não ansiosa, e apenas para

o gênero feminino. Assim, adolescentes do gênero feminino que reportam ruminação estão particularmente vulneráveis para manifestar sintomas depressivos, na sequência de VP (Stange et al., 2013). Estes resultados foram replicados por outros autores, que confirmaram que ruminação e culpabilização fortalecem a associação VP-PI, enquanto a reavaliação positiva enfraquece a mesma, funcionando como uma estratégia de coping protetora (Garnefski e Kraaij, 2014). Schacter e Juvonen (2017) confirmaram o papel da culpabilização para a associação das duas variáveis principais, mas na direção oposta (PI-VP), e concluíram que esta interação era mais forte, quando os indivíduos avaliados reportavam ter amigos com sintomatologia depressiva.

Por último, foi considerada a presença de comportamentos de risco, e os resultados permitiram concluir que abuso de substâncias e agressão aumentaram o risco de comportamentos suicidas na presença de VP, o que não se verificou com práticas sexuais de risco (Moon et al., 2014).

Relativamente a variáveis associadas a fatores sociais, foi possível identificar quatro contextos distintos: o de pares, o familiar, o acadêmico, e o religioso. O apoio de pares foi analisado como um moderador da relação VP-PI, tendo sido confirmado o seu efeito protetor. Assim, verificou-se uma associação entre VP e PI em adolescentes que reportaram um baixo ou moderado nível de apoio de pares, mas não em adolescentes que reportaram altos níveis de apoio de pares. Novamente, o apoio de pares revelou-se um moderador da relação VP-ideação suicida, mas desta vez, apenas a nível da vitimização verbal, não tendo moderado os efeitos de vitimização física nem relacional (Barzilay et al., 2017). Não obstante, este efeito nem sempre se verificou, pelo que Spence e colaboradores (2022) concluíram que o apoio de pares não moderou os efeitos de VP no desenvolvimento de sintomatologia ansiosa, que se manteve um fator de risco mesmo quando os adolescentes experienciavam um bom nível de suporte social. Resultados semelhantes foram obtidos na relação de VP e ideação suicida, não só com a variável 'apoio de pares', mas também quanto ao nível de conexão para com estes (Arango et al., 2023; Bonanno & Hymel 2010). Novamente, estes resultados foram replicados por Burke et al. (2017), mas considerando antes sintomatologia depressiva. Ademais, quando avaliado longitudinalmente, o apoio emocional por parte de pares moderou a relação VP relacional-sintomatologia depressiva de modo inverso ao esperado. Desta forma, adolescentes que reportaram níveis elevados de apoio emocional, mostraram um aumento da sintomatologia depressiva, enquanto o mesmo não aconteceu com adolescentes que reportaram baixos níveis de apoio emocional (Desjardins & Leadbeater, 2011). Igualmente, ao avaliar o apego aos pares

como uma possível variável protetora, Vassallo et al. (2013) perceberam que este fator intensificou o risco de depressão na sequência de VP, em vez de atenuar esta associação.

A qualidade das amizades foi avaliada como um potencial protetor, e uma das hipóteses pressupunha que adolescentes com PI e com amizades de qualidade teriam uma menor probabilidade de ser alvos de VP. Embora esta hipótese tenha sido confirmada e adolescentes que reportaram elevada qualidade nas amizades tenham menos probabilidade de ser alvos de VP, a qualidade das amizades reportada pelos participantes não funcionou como uma atenuante da associação PI-VP (Bernasco et al., 2022; Bollmer et al., 2005; Woods et al., 2008). Por outro lado, ao analisarem fatores específicos inerentes a uma amizade de qualidade, nomeadamente a partilha de problemas, Adams e Cantin (2012) comprovaram o efeito protetor desta variável. Efetivamente, a revisão sistemática de Schacter et al. (2021) reportou resultados mistos. Cinco estudos evidenciaram o papel protetor da qualidade das amizades contra os efeitos negativos de VP em PI, ao reportar a sua função atenuadora. Por sua vez, em adolescentes que reportaram uma baixa qualidade de amizades, a associação entre VP e sintomatologia depressiva viu-se amplificada. Este efeito protetor demonstrou ser mais significativo para o género masculino, do que para o género feminino. Por outro lado, vários estudos não verificaram o papel protetor aferido a amizades de qualidade, e em alguns casos, esta variável pareceu antes exacerbar a associação VP-PI. O mesmo estudo secundário examinou o papel protetor da amizade, mas agora a nível da quantidade. Novamente, enquanto alguns estudos confirmaram que ter pelo menos uma amizade recíproca atenua a associação VP-PI (Schacter & Juvenon, 2017), outros não replicaram este resultado (Schacter et al., 2021).

A função protetora das amizades virtuais no contexto de VP e consequente impacto em ideação suicida também foi considerada, pelo que a variável se revelou moderadora desta associação (Massing-Schaffer et al., 2020). Assim, os efeitos de VP relacional na ideação suicida são menores em adolescentes que reportaram ter amigos virtuais, comparativamente a participantes que não beneficiam deste fator. Bernasco et al. (2022) exploraram o possível efeito exacerbador da presença de conflitos na amizade, mas ao contrário do esperado, esta variável não se mostrou moderadora da relação VP-PI.

Ao nível do contexto familiar, foi analisado o papel protetor do apoio parental na adolescência, que se revelou um moderador significativo da associação VP-ideação suicida, mas apenas para alguns tipos de vitimização. Desta forma, apoio parental moderou os efeitos de vitimização verbal, que na presença de elevados níveis de apoio parental não se encontrou significativamente associada a ideação suicida, mas não moderou os efeitos de vitimização física ou relacional (Barzilay et al., 2017). Considerando o papel da figura paterna e materna

separadamente, o estudo de Yeung e Leadbeater (2009) reportou que apoio materno funcionou como um moderador da associação VP física e PI, pelo que adolescentes que reportaram níveis elevados de apoio materno detinham uma menor probabilidade de experienciar problemas emocionais associados a VP. O mesmo não foi verificado com o apoio paterno, cujos efeitos não se mostraram significativos. Da mesma forma, um segundo estudo reportou o efeito moderador da figura materna na associação VP relacional e física e sintomatologia depressiva, mas não o efeito moderador da figura paterna (Kotchick et al., 2019). Na mesma linha de pensamento, mas desta vez não considerando o tipo de vitimização ou a figura parental de modo específico, o apoio parental voltou a revelar-se um bom moderador de relação VP-PI, na medida em que adolescentes que reportaram um menor nível de apoio parental, revelaram maior risco de manifestar PI (Bonanno & Shelley, 2010). Estes resultados revelaram-se especialmente significativos para o género feminino (Fu et al., 2021; Stadler et al., 2010).

Em oposição, esta hipótese não se verificou nos estudos de Burke et al. (2017) e Spence et al. (2022), nos quais apoio parental não se revelou um moderador desta associação, pelo que VP manteve o seu impacto em PI, mesmo na presença de um nível elevado de apoio parental. Ademais, e ao contrário do que seria esperado, adolescentes que sofreram de vitimização relacional e que reportaram níveis altos ou médios de apoio materno, apresentaram níveis superiores de sintomatologia depressiva, comparativamente a pares que reportaram níveis baixos de apoio materno (Desjardins & Leadbeater, 2011).

O sentido de coerência parental, descrito como um conceito que engloba as características de compreensão, flexibilidade e significância no dia a dia dentro do seio familiar, foi avaliado por Donato et al. (2022) como um possível fator protetor na relação VP-PI. O sentido de coerência revelou-se um moderador significativo, mas apenas quando reportado na figura paterna. Assim, em adolescentes cuja figura paterna reportou um baixo sentido de coerência, VP mostrou-se significativamente associada a PI. Contrariamente, quando a figura paterna reportou níveis de sentido de coerência elevados, esta associação não foi significativa. O papel protetor da proximidade parental também foi alvo de estudo, tendo moderado a associação VP-PI, pelo que adolescentes que reportaram sentir-se mais próximos dos seus progenitores, apresentaram uma menor probabilidade de exibir sintomatologia internalizante na presença de VP (Hong et al., 2021). O papel protetor de apego e baixos níveis de disciplina severa no contexto familiar também foram analisados longitudinalmente, não tendo sido assinalada significância estatística face ao seu papel na relação VP-Depressão (Vassallo et al. 2013). Igualmente, os níveis de funcionamento familiar foram analisados como um possível

moderador da associação VP-ideação suicida, não tendo sido confirmada esta hipótese (Peng et al., 2020).

Hull et al. (2022) avaliaram a presença de cães no contexto familiar e consequente apoio canino como um fator de proteção moderador da relação VP-saúde mental. Os autores concluíram que viver com um cão de família modera a influência de VP em PI, sendo a magnitude desta relação menor quando um maior nível de suporte canino é reportado.

Quanto ao contexto académico, um estudo longitudinal que teve como objetivo investigar se o apoio concedido por adultos moderava os efeitos de VP em problemas emocionais e comportamentais durante um período de dois anos, concluiu que adolescentes vitimizados, na presença de apoio emocional por parte de professores, tinham uma menor probabilidade de experienciar PI, comparativamente a pares que reportaram baixos níveis de apoio (Yeung & Leadbeater, 2009). Novamente, apoio escolar foi examinado como um possível atenuador da relação VP-PI, revelando-se um fator protetor para ambos os géneros, com um impacto mais significativo para estudantes do ensino secundário comparativamente a estudantes do 3º ciclo (Stadler et al., 2010). Por outro lado este mesmo efeito moderador nem sempre se verificou, pelo que adolescentes que reportaram fortes níveis de apoio e cuidado por parte dos professores, uma relação positiva com estes, e sentimentos de pertença face ao contexto escolar, continuaram em risco de desenvolver sintomatologia internalizante na presença de VP (Gloppen et al., 2018; Hong et al., 2021; Spence et al., 2022; Vassallo et al., 2013). Inclusive, e contrariamente ao que seria esperado, ao examinar o papel moderador da relação professor-aluno, Olivier et al. (2020) concluíram que, não só a presença de conflito não conferiu um risco adicional para a associação VP-PI, como ainda diminuiu a força desta relação. Romera et al. (2022), analisaram o ajustamento social na sala de aula como um potencial fator de risco e moderador da relação ansiedade social-VP, e embora a associação entre VP e baixo ajustamento social seja significativa, não foram encontrados efeitos moderadores.

A conectividade foi avaliada como um possível fator de proteção, ao analisar sentimentos de conexão dos adolescentes para com os colegas e professores, e ao analisar a perceção dos adolescentes quanto à conexão dos pais para com a escola. Embora conectividade se tenha mostrado um fator de proteção, no sentido em que a sua presença diminuía a probabilidade de ideação suicida, os resultados concluíram que conectividade não apresentou o efeito atenuador esperado na associação VP-PI, não diminuindo o impacto negativo da vitimização (Arango et al., 2023). A representação étnica no contexto escolar também foi alvo de análise, mas o seu efeito moderador apenas foi verificado para o género masculino (Robinson et al., 2021).

Fu et al. (2021) procuraram examinar o papel moderador do desempenho acadêmico na associação VP-PI, e concluíram que esta associação era mais significativa em alunos com baixo desempenho acadêmico, encontrando um efeito atenuador desta variável, que se revelou mais pronunciado em alguns grupos étnicos, nomeadamente ázio-americanos, do que noutros. Na mesma linha de pensamento, a compreensão do trabalho escolar foi analisada e confirmada como sendo um fator de proteção para adolescentes que vivenciaram VP, na medida em que indivíduos que relataram esta característica aos 13 e 14 anos de idade, exibiram uma menor taxa de depressão passados seis anos, comparativamente a colegas que reportaram uma baixa compreensão do trabalho escolar (Vassallo et al., 2013).

Ademais, foram analisados comportamentos e normas pró-sociais a nível do contexto escolar, como possíveis protetores do impacto de VP. Os resultados revelaram que normas pró-sociais no contexto escolar são um moderador significativo da associação VP-ansiedade, mas apenas para os adolescentes que reportaram não ter amigos (Schacter & Juvonen, 2018). A presença de políticas anti-bullying na sala de aula, assim como a autoeficácia dos professores para lidar com situações de vitimização, foram avaliados como possíveis moderadores e protetores da associação VP-vulnerabilidade genética para sintomatologia ansiosa. Os resultados revelaram que face a altos níveis de VP, acompanhados por políticas anti-bullying na sala de aula e altos níveis de autoeficácia dos professores, a vulnerabilidade genética não funcionou como um preditor de ansiedade. Desta forma, os autores concluíram que a vulnerabilidade genética para sintomatologia ansiosa, apenas funcionou como um preditor de ansiedade em adolescente vitimizados, na ausência de políticas anti-bullying na sala de aula, e quando os professores reportavam um baixo sentido de autoeficácia (Guimond et al., 2015).

Quanto ao contexto religioso e aos ideais inerentes a este, nomeadamente a predisposição para perdoar, os mesmos foram analisados como possíveis fatores de proteção contra os efeitos negativos da VP em PI. A hipótese inicial não foi confirmada, pelo que a religião não mostrou ser um moderador significativo desta associação (Hong et al., 2021; Hope & Buhs, 2018; Walters & Kim-Spoon, 2014). Pelo contrário, um dos constituintes da varável 'perdão', mais especificamente o sentido de benevolência para com outrem, demonstrou ser um moderador da associação VP-PI, mas na direção oposta à prevista, exacerbando os efeitos da vitimização, e consequentemente, revelando-se antes um fator de risco (Walters & Kim-Spoon, 2014).

Tabela 1.*Mapeamento dos artigos incluídos na scoping review*

Título, autor(es), ano, país	Objetivo	Fator de risco/ protetor e participantes	Instrumentos de avaliação e método estatístico	Resultados
A cross-lagged twin study of emotional symptoms, social isolation and peer victimisation from early adolescence to emerging adulthood Morneau-Vaillancourt et al. (2023) Inglaterra e País de Gales	Explorar as associações entre VP, sintomas emocionais e isolamento social.	Isolamento social N=15869	Multidimensional Peer Victimization Scale (MPVS) Strengths and Difficulties Questionnaire (SQD) Análises fenotípicas cruzadas defasadas	VP prediz PI via isolamento social.
A Friend in Need The Role of Friendship Quality as a Protective Factor in Peer Victimization and Bullying Bollmer et al. (2005) EUA	Examinar a qualidade de amizades como um possível moderador dos fatores de risco que predizem VP.	Qualidade de amizades; Percepção de apoio de pares N= 99	Reactive-Proactive Aggression Questionnaire (RPAQ) The Child Behavior Checklist (CBCL) Análises de regressão	PI e uma baixa qualidade de amizades estão significativamente associados a VP. No entanto, a qualidade de amizades não atua como um moderador da relação entre PI e PV.
A Vulnerability-Stress Examination of Response Styles Theory in Adolescence: Stressors, Sex Differences, and Symptom Specificity	Avaliar o papel moderador de determinados estilos de resposta em PI face a eventos geradores de stress.	Estilos de resposta N= 256	Social Experiences Questionnaire (SEQ) The Children's Depression Inventory (CDI)	Maiores níveis de ruminação e uma menor capacidade de distração e resolução de problemas predizem níveis mais altos

Stange e Hamilton (2013) EUA			The Multidimensional Anxiety Scale for Children (MASC)	de depressão, mas não de ansiedade, face a VP.
			Análises de regressão	
Adolescent Peer Experiences and Prospective Suicidal Ideation: The Protective Role of Online-Only Friendships	Examinar características de amizades online, e o seu papel protetor face a VP.	Amizades virtuais N= 630	VP- nomeação por pares. Short Mood and Feelings Questionnaire (MFQ)	Amizades online funcionam como um atenuador da relação VP- Ideação suicida.
Schaffer et al. (2022) EUA			Análises de regressão	
Adolescents' Victimization and Internalizing Problems: The Protective Role of Parental Sense of Coherence	Examinar o papel protetor da coerência parental na relação VP-PI.	Coerência parental N=148	VP-Entrevista SQD	Coerência parental da figura paterna modera a relação VP-PI, mas o mesmo não se verifica com a coerência parental materna.
Donato et al. (2022) Itália			Análises de trajetórias	
Adults make a difference: The protective effects of parents and teacher emotional support on emotional and behavioral problems of peer victimized adolescents	Investigar VP e as suas consequências, e o papel moderador do apoio emocional por parte de adultos, nomeadamente pais e professores.	Apoio emocional N=664	SEQ Brief Child and Family Phone Interview (BCFPI)	Apoio emocional por parte de adultos funciona como um moderador das consequências de VP em PI.
Yeung e Leadbeater (2009) Canadá			Análises de regressão	

<p>Anxiety Trajectories in Adolescents and the Impact of Social Support and Peer Victimization</p> <p>Spence et al. (2022) Austrália</p>	<p>Examinar se baixo apoio social e VP predizem um padrão crescente de ansiedade.</p>	<p>Apoio social (parental, de pares, e de professores) N=3392</p>	<p>VP- Conjunto de itens desenvolvidos pelos autores. Children's Anxiety Scale (CAS-8)</p> <p>Regressões logísticas multinomiais</p>	<p>Apoio social não moderou os efeitos de VP no desenvolvimento de ansiedade.</p>
<p>Are Religiousness and Forgiveness Protective Factors for Adolescents Experiencing Peer Victimization?</p> <p>Walters e Kim-Spoon (2013) EUA</p>	<p>Examinar o papel de fatores como religião, perdão e saúde mental no contexto de VP.</p>	<p>Religião e perdão. N=127</p>	<p>MPVS Youth Self Report (YSR) (CBCL)</p> <p>Análises de modelos de equações estruturais</p>	<p>Religião não se apresentou como um fator protetor para a relação VP-PI, e a variável 'perdão' parece exacerbar os efeitos de VP em PI.</p>
<p>Associations Between Bullying Involvement, Protective Factors, and Mental Health Among American Indian Youth</p> <p>Gloppen et al. (2018) EUA</p>	<p>Perceber se adolescentes vitimizados por pares têm uma maior probabilidade de sofrer um impacto negativo na sua saúde mental, e examinar fatores protetores desta relação.</p>	<p>Senso de empoderamento, relação com professores, senso de segurança na escola. N=1409</p>	<p>California Healthy Kids Survey (CHKS) Global Appraisal of Individual Needs Short Screener (GAIN-SS)</p> <p>Análises de regressão</p>	<p>Adolescentes que beneficiam dos fatores protetores têm menor probabilidade de desenvolver PI.</p>
<p>Beyond Hurt Feelings Investigating Why Some Victims of Bullying Are at Greater Risk for Suicidal Ideation</p> <p>Bonanno e Hymel (2010) Canada</p>	<p>Perceber o porquê de alguns alunos vitimizados sofrerem mais consequências negativas do que outros.</p>	<p>Apoio social e desesperança social. N=399</p>	<p>VP- Conjunto de itens desenvolvidos pelos autores. Suicidal Ideation Questionnaire (SIQ-JR)</p> <p>Análises de regressão</p>	<p>Desesperança social medeia a relação VP-PI, e apoio social modera a mesma.</p>

Bully victimization and emotional problems in adolescents: Moderation by specific cognitive coping strategies?	Examinar a relação VP-PI e o papel moderador de diferentes estratégias de coping.	Estratégias de coping N=582	Olweus Bully/Victim Questionnaire (OBVQ) Symptom Check List (SCL)	Ruminação e foco positivo moderam a relação VP-Depressão, e ruminação, catastrofização e reavaliação positiva moderam a relação VP-Ansiedade.
Garnefski e Kraaij (2014) Países Baixos			Análises de regressão	
Bullying in Early Adolescence and Antisocial Behavior and Depression Six Years Later: What Are the Protective Factors?	Identificar fatores que protejam agressores de se tornarem adultos antissociais, e vítimas de depressão subsequente.	Habilidades sociais, relação com os pais, colegas e professores N=1359	VP-entrevista. Depression, Anxiety, Stress Scale short-form (DASS)	Habilidades sociais protegem adolescentes da relação VP-Depressão, e uma alta ligação a colegas intensifica a mesma.
Vassallo et al. (2013) Austrália			Análises de regressão	
Bullying Victimization and Suicide Ideation and Behavior Among Adolescents in Europe: A 10-Country Study	Examinar fatores de risco e proteção que moderam a associação VP-Ideação suicida.	Apoio social (parental e de pares) N=11110	Global School-Based Student Health Survey (GSHS) Beck Depression Inventory (BDI)	Baixo apoio parental e de pares funcionam como mediadores da relação VP-PI.
Barzilay et al. (2017) UE			Análises hierárquicas não lineares	
Can Friendships Protect against the Health Consequences of Peer Victimization in Adolescence? A Systematic Review	Sintetizar o papel protetor da variável 'amizade' na saúde	Quantidade e qualidade de amizades N= 37 artigos	Não aplicável	Os resultados não foram lineares, pelo que a variável 'amizade' se mostrou como um fator protetor na relação

Schacter et al. (2021) EUA	mental de adolescentes vítimas de VP.			VP-PI, mas também como um fator exacerbador.
Canine Comfort: The Protective Effects of Dog Ownership and Support for Victimized Adolescents Hull et al. (2022) EUA	Examinar o papel moderador da presença canina no meio familiar face a VP e PI.	Ter um cão no seio familiar N=246	Direct and Indirect Aggression Scale (DIAS) Children's Self- Experience Questionnaire-Self Report (CSEQ) YSR Análises de regressão	Ter um cão funciona como um moderador para a relação VP-PI.
Depressive symptoms, friend distress, and self-blame: Risk factors for adolescent peer victimization Schacter e Juvonen (2017) EUA	Examinar o papel mediador de auto culpa na relação PI-VP, e o potencial papel da presença de amigos com sintomas depressivos.	Culpabilização e amigos com sintomas depressivos N=5374	Peer Victimization Scale (PVS) Center for Epidemiologic Studies Depression Scale (CES) Análises de mediação multinível	Culpabilização e a presença de amigos com sintomas depressivos funcionam como mediadores da relação VP-PI.
Does authentic self-esteem buffer the negative effects of bullying victimization on social anxiety and classroom concentration? Evidence from a short-term longitudinal study with early adolescents Boulton e Macaulay (2022) Reino Unido	Examinar o papel moderador da autoestima na relação VP-Ansiedade Social.	Autoestima N=836	VP-nomeação por pares. Social Anxiety Scale for Adolescents (SAS-A) Análises de regressão	Autoestima funciona como um moderador da relação VP-Ansiedade social.

Electrodermal Reactivity Moderates the Prospective Association Between Peer Victimization and Depressive Symptoms in Early Adolescence	Examinar reatividade eletrodérmica como um moderador da relação VP-Sintomas depressivos.	Reatividade eletrodérmica N=123	SEQ CDI Análises de regressão	Reatividade eletrodérmica funciona como um moderador da relação VP-Sintomas depressivos.
Erath et al. (2016) EUA				
Emotion Dysregulation as a Mechanism Linking Peer Victimization to Internalizing Symptoms in Adolescents	Examinar desregulação emocional como um mediador da relação VP-PI.	Desregulação emocional N=1065	Revised Peer Experiences Questionnaire (RPEQ) CDI MASC Análises de regressão	Desregulação emocional funciona como um mediador de alguns tipos de VP e PI.
McLaughlin et al. (2009) EUA				
Ethnic Representation and Willingness to Seek Help as Moderators Between Peer Victimization and Mental Health Outcomes among Latinx Adolescents	Examinar o papel moderador das variáveis ‘representação étnica’ e ‘disposição para pedir ajuda’ na relação VP-Saúde mental.	Representação étnica e disposição para pedir ajuda N=2554	Illinois Peer Victimization Scale (IPVS) Análises de regressão	Representação étnica e disposição para pedir ajuda são moderadores da relação VP-PI.
Robinson et al. (2021) EUA				
Everything’s Gonna be Alright! The Longitudinal Interplay among Social Support, Peer Victimization, and Depressive Symptoms	Investigar o papel protetor do apoio parental e da amizade na relação VP-PI.	Apoio parental e apoio de pares N=960	OBVQ Depressive Tendencies Scale (DTS)	Apoio parental e apoio de pares não funcionaram como um moderador da relação VP-PI.

Burke et al. (2017) Suiça			Análises de painel com defasagens cruzadas	
Examining the Link Between Peer Victimization and Adjustment Problems in Adolescents: The Role of Connectedness and Parent Engagement	Explorar a associação entre VP, problemas de adaptação, conexão, e envolvimento parental, e identificar moderadores da associação VP-Problemas de adaptação.	Conexão com a escola e envolvimento parental. N=28104	VP-Conjunto de itens desenvolvidos pelos autores. Behavior Assessment System for Children (BASC)	Conexão e envolvimento parental funcionaram como moderadores da relação VP-PI, com diferenciação no gênero.
Morin et al. (2015) EUA			Análises de regressão	
Experiencing bullying's impact on adolescent depression and anxiety: Mediating role of adolescent resilience	Examinar o papel da resiliência como um mediador entre VP-PI.	Resiliência. N=2155	VP-Entrevista Quick Inventory of Depressive Symptomatology, Adolescent version (QIDS-A) Generalized Anxiety Disorder Screener (GAD-7)	Resiliência mediou a relação VP-PI, funcionando como um fator protetor.
Anderson et al. (2022) EUA			Análises de mediação	
Identifying protective factors in the association between peer victimization and internalizing symptoms of African American adolescents in four Chicago's Southside neighborhoods.	Examinar variáveis que possam funcionar como uma atenuante da associação entre VP e PI.	Relação parental, apoio dos professores, orientação para o futuro, religião. N=546	IPVS Harvard National Depression Screening Scale Análises de regressão	Proximidade parental funciona como um moderador da relação entre VP e PI.

Hong et al. (2021) EUA				
Internalizing symptoms and loneliness: Direct effects of mindfulness and protection against the negative effects of peer victimization and exclusion	Testar se mindfulness está associado a VP, exclusão e PI.	Mindfulness N=361	RPEQ MFQ Análises de regressão	Mindfulness não moderou a relação VP-PI.
Clear et al. (2019) Austrália				
Peer Victimization and Adolescent Adjustment: The Moderating Role of Sleep	Examinar índices do sono como moderadores da associação VP-Ajustamento.	Duração e qualidade do sono. N=252	SEQ Revised Children's Manifest Anxiety Scale (RCMAS), Trauma Symptoms Checklist for Children (TSCC), CDI Análises de regressão	A relação VP-PI é mais forte em adolescentes que reportam mais problemas de sono.
Tu et al. (2015) EUA				
Peer victimization and adolescents' suicidal ideation and suicide attempts: A T moderated mediation model	Examinar se segurança psicológica é um mediador da relação VP-Ideação suicida.	Segurança psicológica e bom funcionamento familiar N=795	Adolescent Peer Victimization Questionnaire PI- Conjunto de itens desenvolvidos pelos autores. Análises de mediação	Segurança psicológica mediou, parcialmente, a relação VP-Ideação suicida. Funcionamento familiar moderou a relação VP-Ideação suicida, apenas no género feminino.
Peng et al. (2020) China				

Peer Victimization and Adolescent Suicide: The Mediating Effect of Risk Behaviors Moon et al. (2014) EUA	Explorar o impacto de comportamentos de risco na relação VP-Ideação suicida.	Agressão, uso de substâncias, comportamentos sexuais de risco N=7656	Youth Risk Behavior Survey (YRBS) YRBS Análises de mediação	Agressão e uso de substâncias mediaram a relação VP-Ideação suicida.
Peer Victimization and Anxiety in Genetically Vulnerable Youth: The Protective Roles of Teachers' Self-Efficacy and Anti-Bullying Classroom Rules Guimond et al. (2015) Canada	Examinar o papel moderador de políticas anti-bullying na sala de aula e da autoeficácia dos professores, face à relação VP-Ansiedade.	Políticas anti-bullying e autoeficácia dos professores N=208	SEQ RCMAS, CDI Análises de regressão	Políticas anti-bullying e autoeficácia dos professores funcionaram como um moderador para a relação VP-Ansiedade.
Peer Victimization and Anxiety in Youth: A Moderated Mediation of Peer Perceptions and Social Self-Efficacy Victoira et al. (2021) Canada	Investigar mecanismos sociocognitivos que tenham um papel na associação VP-Ansiedade.	Mecanismos sociocognitivos (autoeficácia e percepção dos pares) N=81	RPEQ MASC Análises de regressão	Autoeficácia mediou, parcialmente, a relação VP-Ansiedade.
Peer Victimization and Depressive Symptoms in Early Adolescents: The Protective Role of Perceived Supportive Parenting Kotchick et al. (2019) EUA	Examinar se percepção de apoio parental funciona como um mediador da associação VP-Sintomas depressivos.	Percepção de apoio parental N=237	SEQ CDI Análises de regressão	Percepção de apoio por parte das mães funcionou como um moderador da associação VP-Sintomas depressivos, mas o mesmo não se verificou com a percepção de apoio por parte de pais.

Peer Victimization and Internalising Difficulties: The moderating role of friendship quality Woods et al. (2009) Inglaterra	Explorar solidão e problemas emocionais em adolescentes vitimizados por pares, e o papel moderador da amizade.	Qualidade de amizades N=401	SQR SDQ Análises de regressão	Qualidade de amizades não moderou a relação VP-Problemas emocionais.
Peer Victimization and Mental Health Problems: Racial-Ethnic Differences in the Buffering Role of Academic Performance Fu et al. (2021) EUA	Examinar o papel moderador da variável 'Performance académica' na associação VP-Saúde mental.	Performance académica N=69224	VP- Conjunto de itens desenvolvidos pelos autores. YSR Análises de regressão	Performance académica tem um efeito moderador na relação VP-PI.
Peer victimization as a predictor of depression and body mass index in obese and non-obese adolescents Adams e Bukowski (2008) Canada	Examinar a relação VP-Sintomas depressivos-IMC e o efeito moderador do autoconceito para a mesma.	Autoconceito face a aparência física N=1287	VP-Entrevista. CES Análises de mediação	Autoconceito mostrou-se um mediador da relação VP-Sintomas depressivos.
Peer-Victimization and Mental Health Problems in Adolescents: Are Parental and School Support Protective? Stadler et al. (2010) Alemanha	Investigar os efeitos de VP-Saúde mental em adolescentes, e o papel protetor do apoio escolar e parental nesta relação.	Apoio escolar e parental N=986	MPVS SDQ Análises de regressão	Apoio escolar e parental mostraram ser moderadores da relação VP-Saúde mental.

Peer Victimization, Internalizing Problems, and the Buffering Role of Friendship Quality: Disaggregating Between- and Within-Person Associations Bernasco et al. (2022) Países Baixos	Examinar a relação VP-PI, e o papel protetor da qualidade de amizades, a nível individual e grupal.	Qualidade de amizades N=497	Self-report of Aggression and Social Behavior Measure (SRASBM) Reynolds Adolescent Depression Scale (RADS), Child Anxiety-Related Emotional Disorders (SCARED) Análises mistas multinível	Qualidade de amizades mostrou-se um moderador para a relação VP-PI a nível grupal, mas não individual.
Perceived friend support buffers against symptoms of depression in peer victimized adolescents/ Evidence from a population-based cohort in South Korea Perret et al. (2021) Coreia do Sul	Investigar as associações entre apoio dos amigos e sintomas depressivos em adolescentes vitimizados.	Apoio dos amigos N=2351	Korean School Violence Victimization Questionnaire SCL Análises de regressão	O género mostrou-se um mediador da relação VP-PI, havendo uma associação maior no género feminino. O apoio inerente à presença de amizades funcionou como uma atenuante da relação VP-PI.
Positive Peer Perception, Social Anxiety and Classroom Social Adjustment as Risk Factors in Peer Victimization: A Multilevel Study Romera et al. (2022) Espanha	Examinar percepção de pares, ansiedade social, e ajustamento social na sala de aula como moderadores de VP.	Ajustamento social dentro da sala de aula N=2512	European Bullying Intervention Project Questionnaire (EBIPQ) SAS-A Modelo linear hierárquico	Ajustamento social dentro da sala de aula não moderou a relação Ansiedade social-VP.
Prospective Associations Between Peer Victimization and Internalizing Symptoms in	Investigar se esperança funciona como um	Esperança N=166	RPEQ BDI, MASC	Esperança mostrou ser um moderador da relação VP-PI em adolescentes com níveis

Adolescence: The Protective Role of Hope Ricker et al. (2022) EUA	moderador da associação VP-PI.		Análises multinível	altos de esperança, mas não em adolescentes com níveis médios de esperança.
Relational Victimization and Depressive Symptoms in Adolescence: Moderating Effects of Mother, Father, and Peer Emotional Support Desjardins e Leadbeater (2010) Canadá	Examinar a associação VP-Sintomas depressivos, e o papel moderador do apoio emocional por parte da mãe, pai e pares.	Apoio emocional por parte da mãe, pai, e pares N=540	SEQ BCFPI Análises de regressão	Apoio emocional por parte da mãe, pai e pares moderou o efeito VP-Sintomas depressivos.
Self-Disclosure in Friendships as the Moderator of the Association Between Peer Victimization and Depressive Symptoms in Overweight Adolescents Adams e Cantin (2012) Canadá	Examinar os efeitos de autorrevelação com amigos na associação VP-Sintomas depressivos.	Autorrevelação, autoestima quanto à aparência física N=137	Schwartz Peer Victimization Scale CES Análises de regressão	Autoestima é um mediador da relação VP-Sintomas depressivos. Autorrevelação para com amigos funcionou como um atenuante da relação VP-Sintomas depressivos.
Social connectedness and adolescent suicide risk Arango et al. (2023) EUA	Examinar o papel protetor de conectividade social em adolescentes considerados em risco para suicídio	Conetividade social N=2897	Peer Victimization and Perpetration Questionnaire Ask Suicide-Screening Questionnaire (ASQ) Análises de regressão	Conetividade social não se mostrou protetora para adolescentes com historial de VP.

<p>Social Intelligence Attenuates Association Between Peer Victimization and Depressive Symptoms Among Adolescents</p> <p>Lepore e Kliewer (2019) EUA</p>	<p>Testar o papel de inteligência social como um fator protetor para a relação VP-Sintomas depressivos em adolescentes.</p>	<p>Inteligência social N=986</p>	<p>Problem Behavior Frequency Scale CDI</p> <p>Análises de regressão</p>	<p>A relação VP-Sintomas depressivos foi maior em adolescentes com uma menor inteligência social, sugerindo o papel protetor desta.</p>
<p>The Moderating Effect of Resilience Factors on Bully Victimization and Subsequent Psychological Adjustment Problems Among Adolescent Girls</p> <p>Quinn (2015) EUA)</p>	<p>Examinar a relação entre VP-Ajustamento psicológico, e o papel moderador da resiliência, em adolescentes do gênero feminino.</p>	<p>Resiliência N=111</p>	<p>MPVS YSR</p> <p>Análises de regressão</p>	<p>Resiliência mostrou-se um moderador da relação VP-Ajustamento psicológico.</p>
<p>The moderating role of teacher-student relationships on the association between peer victimization and depression in students with intellectual disabilities</p> <p>Olivier et al. (2020) Canada e Australia</p>	<p>Examinar o papel moderador da relação professor-aluno na associação VP-Sintomas depressivos, em alunos com dificuldades intelectuais.</p>	<p>Relação professor-aluno N=395</p>	<p>Victimization and Bullying Scale CES</p> <p>Análises de regressão</p>	<p>A relação professor-aluno, não mitigou o risco da relação VP-Sintomas depressivos.</p>
<p>The role of contingent self-worth in the relation between victimization and internalizing problems in adolescents</p>	<p>Examinar a relação VP-PI, e autovalorização contingente como um possível moderador.</p>	<p>Autovalorização contingente. N=716</p>	<p>Exposure to School Aggression Scale Revised Child Anxiety and Depression Scale (RCADS)</p>	<p>Autovalorização contingente amplificou os efeitos de VP em PI.</p>

Ghoul et al. (2013) EUA		Análises de regressão		
Victimization and religious engagement: Links to school attachment and subsequent adjustment outcomes	Examinar a relação entre fatores como VP, religião e apego à escola.	Religião, apego à escola N=975	University of Illinois Aggression Scale CBCL	Religião não funciona como um moderador da relação VP-PI. Apego à escola medeia a relação entre VP e PI, mas apenas no grupo com um alto senso de religião.
Hope e Buhs (2020) EUA		Análises de equações estruturais		
You've got a friend(ly school): Can school prosocial norms and friends similarly protect victims from distress?	Examinar o papel protetor de normas escolares pro-sociais e da amizade no sofrimento motivado por VP.	Normas escolares e amizades N=5991	VP-nomeação por pares. SAS-A	Normas escolares pro-sociais atuam como um moderador no sofrimento motivado por VP em alunos que não têm amigos, mas o mesmo não se verifica em alunos que têm amigos.
Schacter e Juvonen (2018) EUA		Análises multinível		

4. Discussão

Os resultados da presente scoping review sugerem que, perante o impacto que VP e PI geram entre si, permanece a possibilidade de mitigar os danos que estas podem causar nos adolescentes. Por conseguinte, ficamos perante diversos indicadores que aparentam funcionar como fatores de risco e fatores de proteção face a esta associação, e que estão claramente relacionados com diferentes características do desenvolvimento humano, de natureza biológica, psicológica, e social. Considerando a literatura que aponta para uma relação recíproca entre VP e PI (Liao et al., 2022), foram incluídos artigos que consideraram esta associação, independentemente da direção das variáveis. Não obstante, foi clara a dominância de estudos que consideraram o impacto de VP em PI, com apenas dois estudos que avaliaram esta associação no sentido oposto.

Primeiramente, deparamo-nos com o papel da reatividade eletrodérmica e da qualidade do sono, que de modo geral, mostraram ser bons protetores da maleficência de VP. Embora haja evidência que espelhe o papel das respostas fisiológicas perante eventos geradores de stress, é perceptível que são poucos os estudos que analisam a importância de processos biológicos face à relação VP-PI (Erath et al., 2016). Contrariamente, surge um grande destaque para variáveis de carácter psicológico, que revelaram o seu papel protetor em diferentes formas. Destaca-se o valor da autoestima, esperança, competências sociais, e respostas de coping positivas. Quanto aos fatores de risco, observou-se o impacto da desregulação emocional, autovalorização contingente, desesperança, isolamento social, e estratégias de coping negativas.

No que concerne às características de natureza social, os resultados mostram-se contraditórios. Ao contrário do que seria esperado, nem sempre o apoio de pares, professores, e progenitores, se mostrou um fator protetor, tendo ainda desempenhado um papel de risco, em determinados estudos. Assim, enquanto o apoio de pares pode produzir o efeito esperado para alguns adolescentes, para outros, pode funcionar como uma agravante, na medida em que a vítima passa a proceder a respostas de co-ruminação e especulação com os colegas. Por sua vez, este conceito de ruminação social, aparece na literatura como estando associado a sintomatologia depressiva (Desjardins & Leadbeater, 2011). Os autores apontam ainda para uma certa instabilidade no que toca ao apoio de pares na adolescência, período de rápidas alterações de carácter social e contextual. Da mesma forma, o apoio maternal pode surgir como

um fator de risco devido aos altos níveis de ruminação com esta figura parental, e também porque a literatura aponta para uma maior tendência de partilha de situações delicadas com as mães, e não com os pais (Smetana et al., 2006). A figura paterna surge como um protetor, na medida em que o seu papel pode ir mais além do que mostrar sentimentos de empatia, passando a providenciar estratégias de regulação emocional e resolução de problemas (Desjardins & Leadbeater, 2011). Pelo contrário, também foram analisados estudos em que o apoio materno surge como um fator de proteção, enquanto o apoio paterno não impactou a relação VP-PI. Assim, esta dualidade ainda se encontra por explorar, e seria pertinente um melhor entendimento destes fatores em pesquisas futuras.

O papel dos professores surge também como um fator protetor valioso, na medida em que os adolescentes passam um elevado número de horas no contexto escolar, permitindo a criação de um relacionamento apoiante, mas principalmente porque os professores são uma figura de autoridade que tem a capacidade de intervir e oferecer o apoio necessário, já que parte das situações de VP se passam neste contexto. Pelo contrário, Olivier e colaboradores (2020) depararam-se com resultados contraditórios, ao perceber que relações conflituosas com professores não surgiram como um fator de risco, mas antes como um fator de proteção, ao diminuir a força da associação VP-PI. Isto poderá ser explicado pela acumulação de interações negativas no mesmo contexto, que acabam por ter o seu impacto diminuído. Por outro lado, foi estabelecida unanimidade relativamente aos índices de performance escolar, normas pró sociais e políticas anti-bullying na sala de aula, que se mostraram bons protetores do impacto da vitimização. Não obstante, é importante considerar que parte dos resultados foram recolhidos através do contexto escolar, o que poderá conferir algum viés aos mesmos.

Face a esta diversidade de resultados, é fundamental estar consciente de que os instrumentos de avaliação utilizados, quer para medir os dois construtos principais, quer para medir a variável independente, foram bastante distintos. Esta heterogeneidade direcionada à operacionalização das variáveis pode justificar alguns dos resultados contraditórios mencionados. A utilização de instrumentos de autorrelato, presente na maioria dos estudos incluídos, também pode sujeitar os resultados a um determinado nível de viés, pelo que estudos futuros beneficiariam de abordagens multi-informante. Para além disso, face aos estudos analisados, foi possível concluir que a extensão da VP pode ser importante para ditar a eficácia/impacto do fator de proteção ou risco. O mesmo se verificou no que toca à direção das variáveis principais, tipo de vitimização, idade, e género, pelo que será positivo que estas variáveis sejam consideradas em estudos futuros.

Analisando os programas de intervenção disponíveis no âmbito da VP, podemos concluir que as estratégias utilizadas vão de encontro aos resultados obtidos nesta scoping review. Uma revisão sistemática de Pollak et al. (2022), explora 65 estudos que apresentam intervenções com o objetivo de promover relações positivas entre pares, categorizando programas de prevenção, e programas de intervenção, particularizando ainda programas dirigidos a crianças e adolescentes com diagnósticos clínicos. Destacam-se intervenções focadas no desenvolvimento e manutenção de habilidades sociais, autoconceito e regulação emocional. Não obstante, é manifestada a ausência de programas que têm em conta o envolvimento parental, pelo que seria oportuno que futuros autores considerassem a importância e o impacto do suporte familiar face a este fenómeno.

5. Limitações

A presente scoping review conta com algumas limitações. Primeiramente, e embora a seleção dos estudos tenha incluído três investigadores independentes na fase de triagem, realizada através da leitura do título e do resumo, a fase de seleção seguinte, que passou pela leitura do texto integral, contou unicamente com um investigador. Isto abre espaço para a possibilidade de viés na seleção dos estudos, e também na extração dos resultados.

Para além disso, ainda que o objetivo deste trabalho tenha sido reunir o máximo de conhecimento respondente à questão de investigação, podem ter sido excluídos estudos relevantes, por não estarem disponíveis nas bases de dados utilizadas. Da mesma forma, há a possibilidade de que estudos elegíveis não tenham sido considerados em virtude da língua. Inclusive, alguns dos estudos incluídos na fase da triagem acabaram por ser excluídos, pela impossibilidade de acesso aos artigos na sua íntegra.

Por último, é fundamental considerar a ausência de uma avaliação crítica no que diz respeito à qualidade dos estudos incluídos, o que pode impactar a fiabilidade dos resultados reportados. De facto, os instrumentos de avaliação utilizados nos artigos incluídos nesta scoping review são bastante variados, e alguns não continham informação quanto à sua validade.

6. Conclusão

Apesar do impacto negativo que a VP e as PI exercem entre si, a literatura apresenta um conjunto de fatores que podem ajudar a atenuar esta associação. Em contrapartida, também

surgem fatores que se configuram como riscos, e que devem ser considerados, para que seja possível contornar o impacto negativo que exercem.

Os 48 estudos analisados destacam a importância do apoio social e emocional concedido por pares, progenitores, e professores, que permita um ambiente apoiante que responda às necessidades de adolescentes vitimizados. Destacam-se ainda normas pró-sociais no contexto escolar, assim como a definição de políticas anti-bullying na sala de aula.

Igualmente, nota-se um enfoque nas variáveis de caráter psicológico, como estilos de coping utilizados, competências sociais, autoestima e níveis de esperança, que devem ser trabalhados de modo a mitigar as consequências da vitimização. Quanto aos fatores de risco analisados, estes passaram pela desregulação emocional, autovalorização contingente, desesperança e isolamento social. Face a alguns resultados contraditórios, sublinha-se a necessidade de uma compreensão mais aprofundada das dinâmicas sociais em causa, e destaca-se a importância de privilegiar o uso de instrumentos de avaliação uniformes e com boas propriedades psicométricas, com o objetivo de garantir a validade e fiabilidade dos resultados obtidos.

Em suma, será importante que programas de intervenção futuros considerem uma abordagem holística, que considere fatores biológicos, psicológicos e sociais, que consigam mitigar os efeitos negativos deste fenómeno.

Referências bibliográficas

- Adams, R. E., & Bukowski, W. M. (2008). Peer victimization as a predictor of depression and body mass index in obese and non-obese adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, *49*(8), 858–866. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2008.01886.x>
- Adams, R. E., & Cantin, S. (2012). Self-Disclosure in Friendships as the moderator of the association between peer victimization and depressive symptoms in overweight adolescents. *Journal of Early Adolescence the Journal of Early Adolescence*, *33*(3), 341–362. <https://doi.org/10.1177/0272431612441068>
- Anderson, J. R., Mayes, T. L., Fuller, A., Hughes, J. L., Minhajuddin, A., & Trivedi, M. H. (2022). Experiencing bullying's impact on adolescent depression and anxiety: Mediating role of adolescent resilience. *Journal of Affective Disorders*, *310*, 477–483. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.04.003>
- Arango, A., Brent, D., Grupp-Phelan, J., Barney, B. J., Spirito, A., Mroczkowski, M. M., Sheno, R., Mahabee-Gittens, M., Casper, T. C., & King, C. (2023). Social connectedness and adolescent suicide risk. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13908>
- Baldry, A. C., & Winkel, F. W. (2004). Mental and physical health of Italian youngsters directly and indirectly victimized at school and at home. *International Journal of Forensic Mental Health*, *3*(1), 77–91. <https://doi.org/10.1080/14999013.2004.10471198>
- Barzilay, S., Klomek, A. B., Apter, A., Carli, V., Wasserman, C., Hadlaczky, G., Hoven, C. W., Sarchiapone, M., Balazs, J., Keresztesy, A., Brunner, R., Kaess, M., Bobes, J., Saiz, P., Cosman, D., Haring, C., Banzer, R., Corcoran, P., Kahn, J., . . . Wasserman, D. (2017). Bullying Victimization and Suicide Ideation and Behavior among Adolescents in Europe: A 10-Country Study. *Journal of Adolescent Health*, *61*(2), 179–186. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.02.002>
- Bernasco, E. L., Van Der Graaff, J., Meeus, W. H. J., & Branje, S. (2022). Peer victimization, internalizing problems, and the buffering role of friendship quality: Disaggregating Between- and Within-Person Associations. *Journal of Youth and Adolescence*, *51*(8), 1653–1666. <https://doi.org/10.1007/s10964-022-01619-z>
- Bollmer, J. M., Milich, R., Harris, M. J., & Maras, M. A. (2005). A friend in need. *Journal of Interpersonal Violence*, *20*(6), 701–712. <https://doi.org/10.1177/0886260504272897>

- Bonanno, N. R. A., & Hymel, N. S. (2010). Beyond hurt feelings: Investigating why some victims of bullying are at greater risk for suicidal ideation. *Merrill-Palmer Quarterly*, *56*(3), 420–440. <https://doi.org/10.1353/mpq.0.0051>
- Boulton, M. J., & Macaulay, P. J. R. (2022). Does authentic self-esteem buffer the negative effects of bullying victimization on social anxiety and classroom concentration? Evidence from a short-term longitudinal study with early adolescents. *British Journal of Educational Psychology*, *93*(2), 500–512. <https://doi.org/10.1111/bjep.12573>
- Burke, T., Sticca, F., & Perren, S. (2017). Everything’s Gonna be Alright! The Longitudinal Interplay among Social Support, Peer Victimization, and Depressive Symptoms. *Journal of Youth and Adolescence*, *46*(9), 1999–2014. <https://doi.org/10.1007/s10964-017-0653-0>
- Clear, S. J., Zimmer-Gembeck, M. J., Duffy, A. L., & Barber, B. L. (2019). Internalizing symptoms and loneliness: Direct effects of mindfulness and protection against the negative effects of peer victimization and exclusion. *International Journal of Behavioral Development*, *44*(1), 51–61. <https://doi.org/10.1177/0165025419876358>
- Cook, C. R., Williams, K. R., Guerra, N. G., Kim, T. E., & Sadek, S. (2010). Predictors of bullying and victimization in childhood and adolescence: A meta-analytic investigation. *School Psychology Quarterly*, *25*(2), 65–83. <https://doi.org/10.1037/a0020149>
- Desjardins, T. L., & Leadbeater, B. J. (2010). Relational victimization and depressive symptoms in adolescence: moderating effects of mother, father, and peer emotional support. *Journal of Youth and Adolescence*, *40*(5), 531–544. <https://doi.org/10.1007/s10964-010-9562-1>
- Dijkstra, J. K., Lindenberg, S., & Veenstra, R. (2008). Beyond the Class Norm: Bullying Behavior of Popular Adolescents and its Relation to Peer Acceptance and Rejection. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *36*(8), 1289–1299. <https://doi.org/10.1007/s10802-008-9251-7>
- Donato, S., Barni, D., Ferraris, A., Iafrate, R., De Silva, A. D., Gao, M., Miller-Graff, L. E., & Cummings, E. M. (2022). Adolescents’ victimization and Internalizing problems: The protective role of parental sense of coherence. *Journal of Child and Family Studies*, *32*(5), 1371–1381. <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02264-7>
- Engel, G. L. (1977). The Need for a New Medical Model: A Challenge for Biomedicine. *Science*, *196*(4286), 129–136.

- Erath, S. A., Su, S., & Tu, K. M. (2016). Electrodermal reactivity moderates the prospective association between peer victimization and depressive symptoms in early adolescence. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology, 47*(6), 992–1003. <https://doi.org/10.1080/15374416.2016.1197838>
- Foehr, U. G., Rideout, V. J., & Roberts, D. W. (2010). Generation M2: Media in the Lives of 8- to 18-Year-Olds. *Henry J. Kaiser Family Foundation.*, 85. http://wikindx.ens-lyon.fr/biblio_vst/index.php?action=resourceView&id=8433
- Fredrick, S. S., Jenkins, L. N., & Dexter, C. M. (2021). Resiliency in Young Adulthood and Associations among Retrospective Peer Victimization and Internalizing Problems. *Journal of Child & Adolescent Trauma*. <https://doi.org/10.1007/s40653-021-00342-4>
- Fu, R., Waasdorp, T. E., Randolph, J. A., & Bradshaw, C. P. (2021). Peer victimization and Mental Health Problems: Racial-Ethnic differences in the buffering role of academic performance. *Journal of Youth and Adolescence, 50*(9), 1839–1855. <https://doi.org/10.1007/s10964-021-01483-3>
- Garnefski, N., & Kraaij, V. (2014). Bully victimization and emotional problems in adolescents: Moderation by specific cognitive coping strategies. *Journal of Adolescence, 37*(7), 1153–1160. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2014.07.005>
- Ge, X., Conger, R. D., & Elder, G. H. (1996). Coming of Age Too Early: Pubertal Influences on Girls' Vulnerability to Psychological Distress. *Child Development, 67*(6), 3386. <https://doi.org/10.2307/1131784>
- Ghoul, A., Niwa, E. Y., & Boxer, P. (2013). The role of contingent self-worth in the relation between victimization and internalizing problems in adolescents. *Journal of Adolescence, 36*(3), 457–464. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2013.01.007>
- Gladden, R. M., Vivolo-Kantor, A. M., Hamburger, M. E., & Lumpkin, C. D. (2014). *Bullying surveillance among youths: uniform definitions for public health and recommended data elements*. https://stacks.cdc.gov/view/cdc/21596/cdc_21596_DS1.pdf
- Gloppen, K., McMorris, B., Gower, A., & Eisenberg, M. (2018). Associations between bullying involvement, protective factors, and mental health among American Indian youth. *American Journal of Orthopsychiatry, 88*(4), 413–421. <https://doi.org/10.1037/ort0000284>
- Guimond, F., Brendgen, M., Vitaro, F., Dionne, G., & Boivin, M. (2015). Peer victimization and Anxiety in Genetically Vulnerable Youth: The Protective Roles of Teachers' Self-Efficacy and Anti-Bullying Classroom Rules. *Journal of Abnormal Child Psychology, 43*(6), 1095–1106. <https://doi.org/10.1007/s10802-015-0001-3>

- Hawker, D. S. J., & Boulton, M. J. (2000). Twenty years' Research on Peer Victimization and Psychosocial Maladjustment: a meta-analytic review of cross-sectional studies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 41(4), 441–455. <https://doi.org/10.1111/1469-7610.00629>
- Hawley, P. H. (2003). Prosocial and Coercive Configurations of Resource Control in Early Adolescence: A Case for the Well-Adapted Machiavellian. *Merrill-Palmer Quarterly*, 49(3), 279–309. <https://doi.org/10.1353/mpq.2003.0013>
- Hinduja, S., & Patchin, J. W. (2017). Cultivating youth resilience to prevent bullying and cyberbullying victimization. *Child Abuse & Neglect*, 73, 51–62. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2017.09.010>
- Hong, J. S., Choi, M. J., Kim, I., Butler-Barnes, S., Mountain, S. K., & Voisin, D. R. (2021). Identifying protective factors in the association between peer victimization and internalizing symptoms of African American adolescents in four Chicago's southside neighborhoods. *School Mental Health*, 13(3), 487–500. <https://doi.org/10.1007/s12310-021-09433-x>
- Hope, M. O., & Buhs, E. (2020). Victimization and religious engagement: Links to school attachment and subsequent adjustment outcomes. *Psychology of Religion and Spirituality*, 12(3), 334–344. <https://doi.org/10.1037/rel0000232>
- Hull, K., Guarneri-White, M., & Jensen-Campbell, L. A. (2022). Canine Comfort: The protective effects of dog ownership and support for victimized adolescents. *Anthrozoös*, 35(4), 577–600. <https://doi.org/10.1080/08927936.2022.2027092>
- Juvonen, J., & Graham, S. (2014). Bullying in schools: The power of bullies and the plight of victims. *Annual Review of Psychology*, 65(1), 159–185. <https://doi.org/10.1146/annurev-psych-010213-115030>
- Juvonen, J., & Gross, E. F. (2008). Extending the School Grounds-Bullying Experiences in Cyberspace. *Journal of School Health*, 78(9), 496–505. <https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2008.00335.x>
- Karlsson, E., Stickley, A., Lindblad, F., Schwab-Stone, M., & Ruchkin, V. (2013). Risk and protective factors for peer victimization: a 1-year follow-up study of urban American students. *European Child & Adolescent Psychiatry*, 23(9), 773–781. <https://doi.org/10.1007/s00787-013-0507-6>
- Kotchick, B. A., Papadakis, A. A., Nettles, C., & Jobe, S. L. (2019). Peer victimization and depressive symptoms in early adolescents: The protective role of perceived supportive

- Parenting. *Journal of Child and Family Studies*, 29(5), 1350–1362. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01610-6>
- Kowalski, R. M., Giumetti, G. W., Schroeder, A. N., & Lattanner, M. R. (2014). Bullying in the digital age: A critical review and meta-analysis of cyberbullying research among youth. *Psychological Bulletin*, 140(4), 1073–1137. <https://doi.org/10.1037/a0035618>
- Låftman, S. B., & Modin, B. (2017). Peer Victimization among Classmates— Associations with Students’ Internalizing Problems, Self-Esteem, and Life Satisfaction. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 14(10), 1218. <https://doi.org/10.3390/ijerph14101218>
- Lampard, A. M., MacLehose, R. F., Eisenberg, M. E., Neumark-Sztainer, D., & Davison, K. K. (2014). Weight-Related Teasing in the School Environment: Associations with Psychosocial Health and Weight Control Practices Among Adolescent Boys and Girls. *Journal of Youth and Adolescence*, 43(10), 1770– 1780. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-0086-3>
- Lepore, S. J., & Klierer, W. (2019). Social intelligence attenuates association between peer victimization and depressive symptoms among adolescents. *Psychology of Violence*, 9(6), 644–652. <https://doi.org/10.1037/vio0000234>
- Liao, Y., Chen, J., Zhang, Y., & Peng, C. (2022). The reciprocal relationship between peer victimization and internalizing problems in children and adolescents: A meta-analysis of longitudinal studies. *Acta Psychologica Sinica*, 54(7), 828–849. <https://doi.org/10.3724/sp.j.1041.2022.00828>
- Lin, J. (2023). Protective and Risk Factors of Peer Victimization among Adolescents: A Perspective from Victims. *Journal of Education, Humanities and Social Sciences*, 11, 273–281. <https://doi.org/10.54097/ehss.v11i.7674>
- Massing-Schaffer, M., Nesi, J., Telzer, E. H., Lindquist, K. A., & Prinstein, M. J. (2020). Adolescent Peer Experiences and Prospective Suicidal Ideation: The Protective Role of Online-Only Friendships. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 51(1), 49–60. <https://doi.org/10.1080/15374416.2020.1750019>
- McLaughlin, K. A., Hatzenbuehler, M. L., & Hilt, L. M. (2009). Emotion dysregulation as a mechanism linking peer victimization to internalizing symptoms in adolescents. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 77(5), 894–904. <https://doi.org/10.1037/a0015760>

- Moon, S. S., Karlson, A., & Kim, Y. J. (2014). Peer victimization and adolescent suicide: The Mediating effect of risk behaviors. *Child & Adolescent Social Work Journal*, 32(3), 257–268. <https://doi.org/10.1007/s10560-014-0365-1>
- Morin, H. K., Bradshaw, C. P., & Berg, J. K. (2015). Examining the link between peer victimization and adjustment problems in adolescents: The role of connectedness and parent engagement. *Psychology of Violence*, 5(4), 422–432. <https://doi.org/10.1037/a0039798>
- Morneau-Vaillancourt, G., Oginni, O., Assary, E., Krebs, G., Thompson, E. J., Palaiologou, E., Lockhart, C., Arseneault, L., & Eley, T. C. (2023). A cross-lagged twin study of emotional symptoms, social isolation and peer victimisation from early adolescence to emerging adulthood. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines*, 64(11), 1569–1582. <https://doi.org/10.1111/jcpp.13847>
- Nadeem, E., & Graham, S. (2005). Early Puberty, Peer Victimization, and Internalizing Symptoms in Ethnic Minority Adolescents. *Journal of Early Adolescence*, 25(2), 197–222. <https://doi.org/10.1177/0272431604274177>
- Olivier, E., Azarnia, P., Morin, A. J., Houle, S. A., Dubé, C., Tracey, D., & Maïano, C. (2020). The moderating role of teacher-student relationships on the association between peer victimization and depression in students with intellectual disabilities. *Research in Developmental Disabilities*, 98, 103572. <https://doi.org/10.1016/j.ridd.2020.103572>
- Ostrov, J. M., Perry, K. J., Eiden, R. D., Nickerson, A. B., Schuetze, P., Godleski, S. A., & Shisler, S. (2022). Development of Bullying and Victimization: An examination of risk and protective factors in a High-Risk sample. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(9–10), 5958–5984. <https://doi.org/10.1177/08862605211067026>
- Pellegrini, A. D., & Long, J. R. (2002). A longitudinal study of bullying, dominance, and victimization during the transition from primary school through secondary school. *British Journal of Development Psychology*, 20(2), 259–280. <https://doi.org/10.1348/026151002166442>
- Peng, W., Li, D., Li, X., Jia, J., Wang, Y., & Xiao, J. (2020). Peer victimization and adolescents' suicidal ideation and suicide attempts: A moderated mediation model. *Children and Youth Services Review*, 112, 104888. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.104888>
- Pereira, B. D. M., de Lemos, A. R., & Alves, D. (2024). Potential risk and protective factors mediating the relationship between peer victimization and internalizing disorders in adolescents: Protocol for a Scoping Review. Retrieved from osf.io/g8sny

- Perret, L., Ki, M., Commisso, M., Chon, D., Scardera, S., Kim, W., Fuhrer, R., Gariépy, G., Ouellet-Morin, I., & Geoffroy, M. (2021). Perceived friend support buffers against symptoms of depression in peer victimized adolescents: Evidence from a population-based cohort in South Korea. *Journal of Affective Disorders, 291*, 24–31. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2021.04.078>
- Pinto, T. M., Laurence, P. G., Macedo, C. R., & Macedo, E. C. (2021). Resilience Programs for Children and Adolescents: A Systematic Review and Meta-Analysis. *Frontiers in Psychology, 12*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.754115>
- Quinn, A. (2015). *The Moderating Effect of Resilience Factors on Bully Victimization and Subsequent Psychological Adjustment Problems Among Adolescent Girls*. (Doctoral dissertation). Antioch University. https://etd.ohiolink.edu/acprod/odb_etd/ws/send_file/send?accession=antioch1434715520&disposition=inline
- Reijntjes, A., Kamphuis, J. H., Prinzie, P., & Telch, M. J. (2010). Peer victimization and internalizing problems in children: A meta-analysis of longitudinal studies. *Child Abuse and Neglect, 34*(4), 244–252. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.07.009>.
- Ricker, B. T., Cooley, J. L., Sanchez, C. R., Gunder, E. M., Dooley, J. A., Chilton, M., & Ritschel, L. A. (2022). Prospective associations between peer victimization and internalizing symptoms in adolescence: The protective role of hope. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment, 44*(3), 649–662. <https://doi.org/10.1007/s10862-022-09966-8>
- Robinson, J. R., Espelage, D. L., & Rivers, I. (2013). Developmental Trends in Peer Victimization and Emotional Distress in LGB and Heterosexual Youth. *Pediatrics, 131*(3), 423–430. <https://doi.org/10.1542/peds.2012-2595>
- Robinson, L. E., Espelage, D. L., Valido, A., Ingram, K. M., Sheikh, A. J. E., Torgal, C., Mintz, S., & Kuehl, T. (2021). Ethnic Representation and Willingness to Seek Help as Moderators Between Peer Victimization and Mental Health Outcomes among Latinx Adolescents. *School Mental Health, 13*(3), 561–577. <https://doi.org/10.1007/s12310-021-09419-9>
- Romera, E. M., Gómez-Ortiz, O., & Ortega-Ruiz, R. (2016). The Mediating Role of Psychological Adjustment between Peer Victimization and Social Adjustment in Adolescence. *Frontiers in Psychology, 7*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01749>
- Romera, E. M., Luque, R., Ortega-Ruiz, R., Gómez-Ortiz, O., & Camacho, A. (2022). Positive peer perception, social anxiety and classroom social adjustment as risk factors in peer

- victimization: a multilevel study. *PubMed*, 34(1), 110–116. <https://doi.org/10.7334/psicothema2021.37>
- Rose, A. J., Swenson, L. P., & Waller, E. M. (2004). Overt and Relational Aggression and Perceived Popularity: Developmental Differences in Concurrent and Prospective Relations. *Developmental Psychology*, 40(3), 378–387. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.40.3.378>
- Schacter, H. L., & Juvonen, J. (2017). Depressive symptoms, friend distress, and self-blame: Risk factors for adolescent peer victimization. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 51, 35–43. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2017.02.005>
- Schacter, H. L., & Juvonen, J. (2018). You’ve got a friend(ly school): Can school prosocial norms and friends similarly protect victims from distress? *Social Development*, 27(3), 636–651. <https://doi.org/10.1111/sode.12281>
- Schacter, H. L., Lessard, L. M., Kiperman, S., Bakth, F., Ehrhardt, A., & Uganski, J. (2021). Can friendships protect against the health consequences of peer victimization in adolescence? A Systematic review. *School Mental Health*, 13(3), 578–601. <https://doi.org/10.1007/s12310-021-09417-x>
- Smetana, J. G., Metzger, A., Gettman, D. C., & Campione-Barr, N. (2006). Disclosure and secrecy in adolescent-parent relationships. *Child Development*, 77, 201–217.
- Spence, S. H., Lawrence, D., & Zubrick, S. R. (2022). Anxiety trajectories in adolescents and the impact of social support and peer victimization. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, 50(6), 795–807. <https://doi.org/10.1007/s10802-021-00887-w>
- Stadler, C., Feifel, J., Rohrmann, S., Vermeiren, R., & Poustka, F. (2010). Peer-Victimization and Mental health problems in adolescents: Are parental and school support protective? *Child Psychiatry and Human Development*, 41(4), 371–386. <https://doi.org/10.1007/s10578-010-0174-5>
- Stange, J. P., Hamilton, J. L., Abramson, L. Y., & Alloy, L. B. (2013). A Vulnerability-Stress Examination of Response Styles Theory in Adolescence: stressors, sex differences, and symptom Specificity. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 43(5), 813–827. <https://doi.org/10.1080/15374416.2013.812037>
- Stapinski, L. A., Araya, R., Heron, J., Montgomery, A. A., & Stallard, P. (2014). Peer victimization during adolescence: concurrent and prospective impact on symptoms of depression and anxiety. *Anxiety, Stress, and Coping/Anxiety, Stress & Coping*, 28(1), 105–120. <https://doi.org/10.1080/10615806.2014.962023>

- Sumter, S. R., Baumgartner, S. E., Valkenburg, P. M., & Peter, J. (2012). Developmental Trajectories of Peer Victimization: Off-line and Online Experiences During Adolescence. *Journal of Adolescent Health, 50*(6), 607–613. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2011.10.251>
- Toomey, R. B., Ryan, C., Diaz, R., Card, N. A., & Russell, S. J. (2013). Gender- nonconforming lesbian, gay, bisexual, and transgender youth: School victimization and young adult psychosocial adjustment. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity, 1*(S), 71–80. <https://doi.org/10.1037/2329-0382.1.s.71>
- Tricco, A. C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K. K., Colquhoun, H., Levac, D., Moher, D., Peters, M., Horsley, T., Weeks, L., Hempel, S., Akl, E. A., Chang, C., McGowan, J., Stewart, L., Hartling, L., Aldcroft, A., Wilson, M. G., Garritty, C., Lewin, S., ... Straus, S. E. (2018). PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Annals of internal medicine, 169*(7), 467–473. <https://doi.org/10.7326/M18-0850>
- Troop-Gordon, W. (2017). Peer victimization in adolescence: The nature, progression, and consequences of being bullied within a developmental context. *Journal of Adolescence, 55*(1), 116–128. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2016.12.012>
- Tu, K. M., Erath, S. A., & El-Sheikh, M. (2015). Peer victimization and adolescent adjustment: The Moderating role of sleep. *Journal of Abnormal Child Psychology, 43*(8), 1447–1457. <https://doi.org/10.1007/s10802-015-0035-6>
- Turner, H. A., Finkelhor, D., Hamby, S. L., Shattuck, A., & Ormrod, R. K. (2011). Specifying type and location of peer victimization in a national sample of children and youth. *Journal of Youth and Adolescence, 40*(8), 1052–1067. <https://doi.org/10.1007/s10964-011-9639-5>
- Vaillancourt, T., Brittain, H., Bennett, L., Arnocky, S., McDougall, P. P., Hymel, S., Short, K. G., Sunderani, S., Scott, C., MacKenzie, M. A., & Cunningham, L. (2010). Places to Avoid: Population-Based Study of Student Reports of Unsafe and High Bullying Areas at School. *Canadian Journal of School Psychology, 25*(1), 40–54. <https://doi.org/10.1177/0829573509358686>
- Vassallo, S., Edwards, B., Renda, J., & Olsson, C. A. (2013). Bullying in early adolescence and antisocial behavior and depression six years later: What are the protective factors? *Journal of School Violence, 13*(1), 100–124. <https://doi.org/10.1080/15388220.2013.840643>

- Veenstra, R., Lindenberg, S., Oldehinkel, A. J., De Winter, A. F., Verhulst, F. C., & Ormel, J. (2005). Bullying and victimization in elementary schools: A comparison of bullies, victims, bully/victims, and uninvolved preadolescents. *Developmental Psychology*, 41, 672–682. <http://dx.doi.org/10.1037/0012-1649.41.4.672>
- Victoira L., P., Andrews, J. J. W., & Nordstokke, D. (2020). Peer Victimization and Anxiety in Youth: A Moderated Mediation of Peer Perceptions and Social Self-Efficacy. *Canadian Journal of School Psychology*, 082957352095104. <https://doi.org/10.1177/0829573520951041>
- Víllora, B., Rubio, E. L., Jiménez, S. Y., Alfaro, A. G., & Navarro, R. (2020). Relations among Poly-Bullying Victimization, Subjective Well-Being and Resilience in a Sample of Late Adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 17(2), 590. <https://doi.org/10.3390/ijerph17020590>
- Vitaro, F., Brendgen, M., & Barker, E. D. (2006). Subtypes of aggressive behaviors: A developmental perspective. *International Journal of Behavioral Development*, 30, 12–19. <http://dx.doi.org/10.1177/0165025406059968>
- Walters, J. M., & Kim-Spoon, J. (2014). Are religiousness and forgiveness protective factors for adolescents experiencing peer victimization? *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 23(10), 1090–1108. <https://doi.org/10.1080/10926771.2014.964438>
- Woods, S., Done, J., & Kalsi, H. (2008). Peer victimisation and internalising difficulties: The moderating role of friendship quality. *Journal of Adolescence*, 32(2), 293–308. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2008.03.005c>
- World Health Organization: WHO. (2019, November 26). Adolescent health. https://www.who.int/health-topics/adolescent-health#tab=tab_1
- Yeung, R., & Leadbeater, B. (2009). Adults make a difference: the protective effects of parent and teacher emotional support on emotional and behavioral problems of peer-victimized adolescents. *Journal of Community Psychology*, 38(1), 80–98. <https://doi.org/10.1002/jcop.20353>

Anexo

Potential risk and protective factors mediating the relationship between peer victimization and internalizing disorders in adolescents: Protocol for a Scoping Review

Authors

Bruna Pereira^a, Diana Alves^a, Ana Lemos^a

up201905880@up.pt, anarlemos@fpce.up.pt, dianalves@fpce.up.pt,

^a Faculty of Psychology and Educational Sciences of University of Porto

Corresponding author

Bruna Daniela Marques Pereira up201905880@up.pt,

Faculty of Psychology and Educational Sciences of University of Porto Rua Alfredo Allen,
4200-135 Porto, Portugal

Objective: The goal of this scoping review is to understand which protective and risk factors work as mediators in the bidirectional relationship between peer victimization and internalizing disorders, in adolescents aged between 10 and 19 years old.

Introduction

Peer victimization refers to repetitive and intentionally harmful behaviors directed at a peer with less power (Gladden et al. 2014), encompassing more traditional forms, such as physical and verbal, or the more recent phenomenon of online victimization. This phenomenon can occur in different phases of the life cycle, as well as in different contexts (Trompetter et al., 2011). Since adolescence is a life phase characterized by numerous physical, cognitive, emotional, and contextual changes, there seems to be a higher vulnerability to peer victimization during this phase (TroopGorden, 2017). A 2016 UNICEF report, to which 100,000 young people from 18 countries responded, stated that two-thirds of respondents reported that they had been a victim of bullying (UNICEF, 2016). Evidently, we are faced with significant numbers that demand a bigger understanding of the problematic, in order to successfully prevent and intervene in peer victimization.

One of the factors causing the most concern is the impact that peer victimization has on social adjustment and well-being. In fact, we are faced with extensive literature that explores the consequences that peer victimization can have on adolescents, namely in terms of internalizing disorders, such as anxiety disorders and depressive disorders. (Mulan et al., 2023). The DSM-5 introduces anxiety disorders as a group of disorders characterized by excessive fear and worry, in which the responses are disproportionate to the element considered dangerous (APA, 2013). We can be faced with many different types of diagnosis depending on which criteria are present. However, during adolescence, the most prevalent types of anxiety seem to be generalized anxiety and social anxiety (Tassin, 2014). Generalized anxiety disorder involves excessive and persistent worry that may lead to muscle tension, irritability, sleep disturbance, fatigue and other symptoms, which ends up interfering with daily life activities. This feeling might be motivated by various life aspects, whether academic, work, health or social related. Social anxiety involves intense fear of social situations, in which the individual fears feeling humiliated or judged by others, often resulting in the avoidance of social scenarios (APA, 2013). Depressive disorders are characterized by persistent feelings of sadness, loss of interest or pleasure in previously valued activities, sleep changes, fatigue, psychomotor retardation, concentration difficulties, recurrent thoughts of death or suicidal ideation, among others. It is also important to highlight the high comorbidity between these two disorders, with numbers surrounding the 45%, as shown in a sample of 138,602 adults from ten middle income and fourteen high income countries (Kessler et al., 2015).

Research suggests that adolescents who suffer from peer victimization end up demonstrating higher levels of depression, anxiety, and lower life satisfaction (Låftman & Modin, 2017). In other words, when experiencing peer victimization, adolescents end up experiencing negative emotional responses, such as sadness, low self-esteem and hopelessness, which may lead to a distorted perception of the self and a negative mood. Also, the constant fear and anticipation of the future moment of victimization leads to greater levels of anxiety, fear of social situations and feelings of insecurity. This can contribute to the development of internalizing problems once these aspects become clinically significant. It is also important to point out that peer victimization is not only harmful to the direct victims, but also to those who witness acts of aggression, particularly in the school context (Unnever & Cornell, 2003). Students who recognize and observe peer victimization experience an unfriendly social climate, and may fear being victimized in the future, causing higher levels of stress and overall lower wellbeing (Låftman & Modin, 2017).

In order to have a better understanding of the problematic, it is important to fully understand the relationship between these two variables (peer victimization and internalizing disorders). Some literature points out peer victimization as an antecedent/ a cause for internalizing disorders (Mullan et al., 2023). However, the opposite was also stated, internalizing disorders being pointed out as a risk factor/ an antecedent for peer victimization (Schacter & Juvonen, 2017). Christina et al. (2021), in their systematic review of the literature suggested that there is a bidirectional relationship between the two variables with small effect sizes. However, one of the biggest limitations of the study, pointed out by the authors as a gap in the literature, was the lack of exploration of intraindividual and situational risk factors that may contribute to this relationship, as the only mediators considered in this study were sex, age, and victimization type.

In short, it is clear that we are facing a problem that needs to be addressed when we speak about peer victimization, and by trying to understand its causes and consequences, we found ourselves in the non-ending loop that is the relationship between peer victimization and internalizing disorders. To better understand this relationship and inform future interventions and prevention actions, it is important to be aware of the risk factors that make someone more vulnerable to both variables, as well as protective factors that can be addressed and help prevent any of the two phenomena. Hence, this scoping review intends to summarize the available information that can answer the following question: Which risk and protective factors may function as mediators or moderators between peer victimization and internalizing disorders?

Methods

This scoping review will follow the Joanna Briggs Institute (JBI) methodology for scoping reviews, as well as the steps proposed in the PRISMA-ScR (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis- Extension for Scoping Reviews) (Tricco et al., 2018). As for the present protocol, it follows the guidelines proposed in PRISMA-P (Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta Analysis- Protocols) by Moher et al. (2015), as applicable.

Eligibility criteria

The eligibility criteria for the selection of the literature to be considered follows the objective and the research question of the proposed scoping review. Participants will include adolescents aged 10 to 19 years old, as World Health Organization (WHO) considers this the age interval corresponding to adolescence (WHO, 2019). To be included, a study will have to

a) measure or identify the presence of peer victimization; b) measure or identify the presence of internalizing disorders (depression, and/or anxiety); c) establish a new variable, that works as a risk/protective factor for either peer victimization and/or internalizing disorders. The victimization must be related to the school context or school peers, and any other context will not be considered.

Quantitative, qualitative, or mixed methods research studies will be eligible, including grey literature. Data published in English, Spanish and Portuguese, between 2000 and 2023 will be considered.

Search strategy

The search for this scoping review will be conducted across four data bases: APA PsychInfo, Education Source, ProQuest and ERIC. The combinations of key words searched, based on the PCC framework (*table 1*) will be the following: adolescents AND peer victimization AND protective factors; adolescents AND peer victimization AND risk factors; adolescents AND internalizing disorders OR anxiety OR depression AND protective factors; adolescents AND internalizing disorders OR anxiety OR depression AND risk factors. The References list of included articles will also be considered as a source for relevant studies.

Table 1- Key Terms based on PCC Framework

Participants (P)	Concept (C)	Context (C)
- Adolescents	- Internalizing disorders - Peer victimization - Risk Factors - Protective Factors	- School context

Data extraction

Subsequently to the search, the identified literature will be extracted and stored in Mendeley. Primarily, the duplicates will be removed, followed by the screening of titles and abstracts to dictate the inclusion or exclusion of the source. The data will be organized according to the extraction form presented in table 2. This tool will be updated if needed, and any changes will be reported in the scoping review.

Table 2- Articles extraction form

Title	
Authors and year of publication	
Methods	
Participants	
Context	
Risk/protective factor	
Disorder	
Results	